WWW.PLACAR.COM.BR
ESPECIAL
PLACAR
Abril
PESQUISA PLACAR
A Seleção do Povo
A TORCIDA
NÃO QUER MAIS
ROMÁRIO
• POR QUE ROMÁRIO (NÃO) DEVE IR À COPA
• OS RONALDINHOS SÃO OS NOVOS TITULARES
DO ATAQUE DO POVO
R$ 4,90
Ed.1218 • ABRIL 2002
PERFIS DOS 23 JOGADORES DE FELIPÃO QUE VÃO À COPA

SUMÁRIO

ABRIL 2002 • EDIÇÃO 1218

Carta ao leitor

O POVO VERSUS FELIPÃO

Parece mentira, mas em novembro do ano passado estávamos atolados em incertezas. Três anos e meio tinham se passado desde a final da Copa de 98 e não tínhamos ainda um time definido, muito menos a vaga para o Mundial de 2002. Em quatro meses não formamos uma tremenda equipe. Mas, convenhamos, as indefinições diminuíram muito. De lá para cá, carimbamos o passaporte para o Mundial, chegamos a conclusão que Lúcio, Juan, Roque, Polga e Edmílson são os melhores zagueiros da praça, que Gilberto Silva, Kaká e Kléberson são garotos que merecem passagens para a Coréia, que nossos Ronaldinhos podem arrebentar (no bom sentido, por favor) na Copa.

Saímos de um tremendo pessimismo para uma postura mais neutra. Não há euforia, seguimos ainda um tanto desconfiados. Só que agora já dá para achar que os jogadores da Seleção são os nossos verdadeiros representantes. PLACAR (no site placar.com.br) vem monitorando, semana a semana, o humor popular desde abril de 2001 com a pesquisa "Seleção do Povo". E nunca a vontade do povo esteve tão bem representada. O time de Felipão é praticamente o mesmo dos internautas. O curioso é que mesmo o clamor nacional por Romário enfraqueceu. A Seleção do Povo escala agora Ronaldo (59%) e Ronaldinho Gaúcho (49%) no ataque. Romário (46%), para a alegria de Felipão, é banco.

A idéia de fazer este especial nasceu da consistência da pesquisa "Seleção do Povo". Tiramos a temperatura do país por 51 semanas consecutivas e, entre alguns estados febris, descobrimos que nem o técnico da Seleção nem o povo perderam o juízo. Acompanhar os gráficos (página 4), que mostram a variação da opinião, é decifrar um pouco mais do futebol brasileiro. Discutir sem paixão a questão Romário (página 10) é uma demonstração de bom senso. E ler os perfis dos 23 jogadores que Felipão convocará (a partir da página 18) é entender como eles chegaram lá. ◻

SÉRGIO XAVIER FILHO, DIRETOR DE REDAÇÃO

OBS: NA CAPA VOCÊ LEU OS "23 DE FELIPÃO" E VIU 24 ROSTINHOS. POIS É, SE NEM O PROFESSOR SE DECIDE POR QUE A GENTE TERIA QUE ADVINHAR QUEM SERÁ CORTADO?

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Presidente Executivo: Maurizio Mauro
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial Adjunto: Laurentino Gomes
Diretora de Publicidade Corporativa: Thais Chede Soares B. Barreto

Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Editor Especial:** Arnaldo Ribeiro **Diagramador:** Crystian Cruz **Colaboradores:** Alexandre Battibugli, André Fontenelle, Fabio Volpe, Gian Oddi, Paulo Tescarolo, Rodrigo Garofalo, Rita Palon e Valmir Storti

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto

Diretor Comercial: Alexandre Caldini Neto

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor de Marketing: Alexandre Caldini Neto **Gerente de Produto:** Ricardo Cianciaruso **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretor: Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Eduardo Teixeira Leite, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivos de Negócios:** Cristiane Tassoulas, Leda Costa (RJ), Marcelo Cavalheiro, Marco Aurélio Bulara, Nilo Bastos, Robson Monte **Executivos de Contas:** Carla Alves de Gois, Eduardo Marcelo Pezzato, Emiliano Morad Hansenn, Leonardo Rodrigues, Letícia Di Lallo, Marcello Almeida, Renata Fontana, Renata Miolli, Sarah Correia (RJ), Vlamir Aderaldo
PROCESSOS: Coordenador de Produção: Ricardo Carvalho **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira **Gerente Escritório Brasília:** Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo. Tel:(31) 3282-0630. Fax.: (31) 3282-8003 **Blumenau:** Rua Florianópolis, 279 - Bairro da Velha CEP 89036–150. M.Marchi Representações, Tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN – Q. 1 Bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º andar, Sala 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares. Tels.: (61) 315-7554/55/56/57, Fax.: (61) 315-7558 **Campinas:** R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, Tel. e Fax: (19)3233-7175 **Curitiba:** Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, Tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sala 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, Tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** Av. Desembargador Moreira, 2020, Salas 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, Telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, Telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** Rua Dona Francisca, 260, Sala 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, Telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, Telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre:** Av. Carlos Gomes, 1155, sala 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, Tel.: (51) 3388-4166, Fax: (51) 3332-2477 **Recife:** R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sala 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, Telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto:** R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda. Tel.: (16) 635-9630, Telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282, Tel:(21)2546-8100, Fax: (21)2546-8201 **Salvador:** Av.Tancredo Neves, 805, Sala 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, Telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória:** Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, Telefax: (27) 3325-3329

PORTUGAL - IMPORTAÇÃO EXCLUSIVA E COMERCIALIZAÇÃO: Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

PLACAR edição 1217 (ISSN 0104-1762), ano 33/n 6, abril de 2002, é uma publicação da Editora Abril S.A.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

www.abril.com.br

Presidente e Editor: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Maurizio Mauro, Thomaz S. Corrêa
Presidente Executivo: Maurizio Mauro
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

A BOCA DO POVO

Por 51 semanas nossos internautas consagraram e detonaram os aspirantes à Copa 2002. O curioso é que em abril de 2001 o povão já parecia saber quem merecia mesmo ir ao Mundial

FOTOSITE

Cafu, Gilberto Silva, Roque Jr., Lúcio, Marcos e Emerson; Polga, Roberto Carlos, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Edílson: E não é que esse t

Foi um ano e tanto. De abril de 2001 a abril deste ano, a Seleção teve dois técnicos, craques despontaram e murcharam, ídolos foram e voltaram. Nesse tempo todo PLACAR ficou com o povão pendurado na linha. Por 51 semanas seguidas o site placar.com.br manteve a pesquisa "Seleção do Povo" no ar. E o resultado é um formidável diagnóstico do nosso futebol. Da primeira enquete, quando 10 760 internautas escalaram o seu escrete, até agora mais de 100 jogadores já receberam votos. Mas o curioso é que depois de tanto girar, o brasileiro acabou voltando ao ponto de partida. Compare o time popular das primeiras semanas com os convocados atuais de Felipão. Em abril de 2001 íamos de Rogério Ceni, Cafu, Roque Jr., Lúcio e Roberto Carlos; Vampeta, Emerson, Juninho Paulista e Rivaldo; Romário e Ronaldo. Tirando Vampeta e Romário, ficou tudo em casa.

Felipão é bem parecido com o do povão?

Só que a evolução da "Seleção do Povo" mostra que mesmo as unanimidades nacionais foram questionadas. Cafu e Roberto Carlos, por exemplo. Apesar dos nossos alas/laterais serem ídolos na Itália e na Espanha, por aqui eles tomaram pitos populares. Em julho de 2001, Cafu cometeu o pênalti que custou a nossa derrota contra os uruguaios em Montevidéu. Pau no Cafu. Naquelas semanas Belletti chegou a ter 58% contra 26% dos votos na lateral-direita. Roberto Carlos foi ainda mais castigado. Chegou a perder a posição no escrete para o palmeirense (na época) Felipe, para Serginho e até para César, ex-São Caetano. Com o tempo, porém, Cafu e Roberto Carlos convenceram os internautas. Unanimidades mesmo, apenas duas: o zagueiro Lúcio e o volante Emerson apareceram como titulares do povão nas 51 semanas da pesquisa.

A pesquisa também foi captando o crescimento de vários jogadores muito antes de Felipão se mexer. Gilberto Silva, Kaká e Kléberson foram "descobertos" na pesquisa em dezembro do ano passado durante o Campeonato Brasileiro. Somente em 2002 eles apareceram nas listas de convocados. É claro que foram muitos tiros na água. Em uma semana, 200 dos 2000 votantes botaram Leomar como volante titular. Era muita gente acreditando em duendes, mas se lembrarmos que um certo Emerson Leão foi o crédulo-chefe estão todos perdoados.

Algumas viradas aconteceram no decorrer da pesquisa. O simpático Juninho Paulista parecia invencível na meia cancha. Ao contrário de Rivaldo, que experimentava rejeições periódicas depois de cada derrota da Seleção. O zagueiro Antônio Carlos era presença garantida no time do povo no ano passado ao lado de Lúcio.

No gol a disputa foi, digamos, das mais emocionais. Rogério Ceni, titular de Leão, largou na frente, soberano. Só que em meados do ano passado Marcos foi canonizado pelos pênaltis pegos na Libertadores e ficou com a camisa 1 da Seleção do Povo. Aí Júlio César começou a processar seus milagres nas campanhas vitoriosas do Flamengo campeão carioca e da Copa dos Campeões e entrou na briga. O Brasileirão 2001 foi o trampolim que Emerson, do Bahia, precisava para ganhar destaque nacional. Ele ficou com a Bola de Prata da PLACAR e virou titular da enquete por oito semanas. Titular de Felipão, Marcos poderia ter retomado a liderança, não fossem alguns gols mandrakes tomados nas Eliminatórias. Oportunidade para Rogério fechar o ciclo e voltar como o goleiro do povo.

No ataque, boletins médicos direcionavam os votos. Ronaldo e Romário começaram como os preferidos dos internautas. Só que bastava algum anúncio de músculo repuxado de um dos dois para a correnteza virar. Ronaldo no estaleiro, chance para Edílson. Romário no departamento médico, e lá vem Denilson. Luizão aproveitou os 15 minutos de fama no último jogo das Eliminatórias para se garantir na lista do povão e na relação de Felipão. Romário foi para as cabeças com a campanha nacional em torno do seu nome e só sofreu ameaças no momento em que os Ronaldinhos se encontraram em Fortaleza contra a Iugoslávia.

O voto popular pode até acompanhar as ondas geradas pelos formadores de opinião. Mas o desempenho dos jogadores nos gramados foi o principal critério da "Seleção do Povo". Pode não significar nada, mas 19 jogadores da pesquisa coincidem com os escolhidos por Felipão. Todos os 11 titulares da Seleção estão entre os eleitos do povo. Talvez seja pouco para levantar uma taça, talvez a definição da equipe tenha acontecido tarde demais. Mas que é melhor arriscar o pescoço no Oriente com um time de grandes jogadores respaldados pelo povo, ah, isso é...

Goleiro Emerson, do Bahia, ousou ameaçar o quarteto preferido de Felipão. Hoje, Rogério, para o povo, deve ser o titular

	6/4/01	18/5/01	16/6/01	24/7/01	2/10/01	18/1/02	23/2/02	5/4/02
Rogério Ceni	38	25	18	16	18	26	35	31
Marcos	10	26	46	34	23	14	14	20
Dida	9	9	7	5	3	8	10	16
Julio Cesar		8	9	23	9	27	21	14
Emerson					25	7	5	

0% – 5% – 10% – 15% – 20% – 25% – 30% – 35% – 40% – 45% – 50% – 55% – 60% – 65% – 70%

6/4/01	18/5/01	16/6/01	24/7/01	2/10/01	18/1/02	23/2/02	5/4/02
Rogério era o goleiro titular de Leão	Flamengo nas finais do Carioca, Júlio César despontava	Marcos pega pênaltis na Libertadores e assume a ponta	Rogério, em litígio com o São Paulo, perde também o vice para Júlio César	Líder da Bola de Prata, Émerson, do Bahia, vira o preferido dos internautas	Felipão enche a bola de Júlio César e diz que ele deve ir ao Mundial	Rogério consolida sua liderança. Júlio César é o segundo goleiro do povo	Dida volta a velha forma e entra, pela primeira vez, na trinca de goleiros mais votados

Lateral-direito Em terra de cego... Cafu só foi ultrapassado uma vez. Mas a empolgação com Belletti durou pouco

	6/4/01	29/6/01	30/7/01	4/9/01	30/11/01	4/1/02	23/2/02	5/4/02
Cafu	44	63	26	51	36	43	53	72
Belletti	31	13	58	32	23	21	28	14
Alessandro					7	25	8	4

0% – 5% – 10% – 15% – 20% – 25% – 30% – 35% – 40% – 45% – 50% – 55% – 60% – 65% – 70%

6/4/01	29/6/01	30/7/01	4/9/01	30/11/01	4/1/02	23/2/02	5/4/02
O Brasil perde para o Equador. Cafu não joga e escapa das críticas	Cafu soberano, quase unanimidade	Cafu comete o pênalti da derrota para os uruguaios e perde a liderança	O torcedor percebe que Belletti também não é uma Brastemp	Belletti fora bem na vitória contra o Paraguai no Sul. Cafu estava no desastre de La Paz	Atlético-PR campeão brasileiro. Alessandro bem na foto	Felipão deixa claro nas convocações que Cafu e Belletti estão na Copa	Barbada anunciada. Cafu ficou mais líder do que nunca na última parcial

Zagueiros

Lúcio esteve sempre em alta. Juan se manteve um bom tempo ao seu lado, mas foi superado por Ânderson Polga

Lúcio
Roque Jr.
Antônio Carlos
Edmílson
Cris
Juan
Ânderson Polga

70% 65% 60% 55% 50% 45% 40% 35% 30% 25% 20% 15% 10% 5% 0%

6/4/01	4/5/01	6/7/01	30/7/01	18/9/01	26/10/01	23/2/02	5/4/02
A torcida começa apostando na zaga titular de Leão, com Lúcio e Roque	Tchau, Roque. O segundo posto é de Antônio Carlos, bem na Roma	Derrota no Uruguai. Para os torcedores, Antônio Carlos é inocente	Flamengo ganha Copa dos Campeões com gol de Juan. Bom para ele	Gol contra de Cris contra a Argentina. A torcida não perdoa	Edmílson vai bem contra o Chile. Vai para o trono	Convocado por Felipão, Polga já é titular do povão	Bingo. Felipão e internautas parecem saber quem são mesmo os cinco que devem ir à Copa

Lateral-esquerdo

Quem não acreditava em Roberto Carlos, passou a acreditar. A disputa, lá atrás, é pela reserva

César
Roberto Carlos
Serginho
Athirson
Júnior
Felipe
Paulo César

70% 65% 60% 55% 50% 45% 40% 35% 30% 25% 20% 15% 10% 5% 0%

6/4/01	20/4/01	11/5/01	30/7/01	28/8/01	21/12/01	23/2/02	5/4/02
César recebe sua primeira convocação e começa bem na pesquisa	Empate técnico. Ninguém sabe quem é o melhor da posição	César vai mal contra o Peru. E a turma lembra que Roberto Carlos joga muito	Júnior é o titular na Copa América e já está entre os primeiros	Uma boa partida contra o Paraguai e Roberto Carlos está absoluto	Monotonia. Roberto Carlos e Serginho completam 30 semanas na liderança	Surge Paulo César, lateral do Fluminense. Felipão acena que ela possa ser o reserva na Copa	Uma das raras discordâncias de Felipão com o povo. Serginho deveria ir, não Júnior

Volantes

Vampeta disparou na frente, escoltado por Emerson. No fim, esquecido por Felipão, foi atropelado por Gilberto Silva

Vampeta

Emerson

Ricardinho

Rochemback

Leomar

Tinga

Gilberto Silva

6/4/01	4/5/01	22/6/01	28/8/01	8/11/01	14/11/01	23/2/02	5/4/02
Eis uma certeza entre os internautas: Vampeta e Emerson são os melhores	Leomar? Pois é, Leão o coloca no empate contra o Peru e alguns apostaram nele	Pela primeira vez Emerson passa Vampeta, que passa a ter a sombra de Rochemback	Felipão chama Tinga na vitória contra o Paraguai no Sul. O gremista fica com 17% dos votos	A Era Leomar chega ao fim. Só familiares e amigos ainda acreditam nele	Um certo Gilberto Silva brilha no Campeonato Brasileiro e na Bola de Prata	Gilberto Silva vira artilheiro de Felipão. Vampeta vai pro banco. A galera aplaude	Dupla de volantes definida. Vampeta é, no máximo, banco

Meias

Juninho deu uma de cavalo paraguaio e perdeu a vez no fim para o emergente Kaká. Rivaldo ainda tem crédito com o povo

Juninho Paulista

Rivaldo

Juninho Pernambucano

Djalminha

Alex

Ricardinho

Zinho

Kaká

6/4/01	27/4/01	29/6/01	14/10/01	17/11/01	14/12/01	23/2/02	5/4/02
Juninho Paulista e Rivaldo começam a pesquisa sobrando	Leão esnoba os estrangeiros e não convoca Rivaldo. Melhor para Alex e Ricardinho	O Brasil afunda na Copa das Confederações e Rivaldo arrebenta no Barcelona	Vitória contra o Chile em Curitiba. Rivaldo marca e empata a parada com Juninho	O Brasil perde para os bolivianos. Rivaldo vai mal e cai na preferência popular	Kaká brilha no São Paulo e os internautas percebem	Juninho Paulista é titular da Seleção do Povo por 42 semanas. Mas Kaká nunca esteve tão perto	Kaká é o colega de Rivaldo no meio. Juninho agora disputa a terceira vaga com Djalminha

Atacantes

Romário disparou, oscilou e perdeu terreno para Ronaldinho Gaúcho. O outro Ronaldo manteve o prestígio

Romário · Ronaldo · Ronaldinho Gaúcho · França · Edílson · Luizão · Denílson · Ewerthon

Data	
6/4/01	Mesmo no estaleiro, Ronaldo é o titular do povo. Com Romário, claro
4/5/01	O corintiano Ewerthon é a aposta da hora. 13% dos votantes vão na de Leão
1/6/01	Era a Copa das Cofederações e Leão estava com o lado B dos atacantes no Japão
30/7/01	Denílson mata a pau na Copa América. A galera delira
11/9/01	Depois de um ano e meio sem jogar, Ronaldo marca em um amistoso em Milão
5/12/01	Luizão classifica o Brasil contra os venezuelanos. A torcida agradece
23/2/02	A campanha "Romário 2002" está mais forte do que nunca
5/4/02	Grande atuação contra Iugoslávia e Ronaldinho Gaúcho deixou Romário na reserva

Quem ficou mais semanas na liderança

De 6 de abril de 2001 a 5 de abril de 2002

GOLEIROS	
Rogério Ceni	25
Marcos	18
Emerson	8

LATERAL-DIREITO	
Cafu	48
Belletti	3

LATERAL-ESQUERDO	
Roberto Carlos	47
Felipe	2
Serginho	1
César	1

ATACANTES	
Romário	46
Ronaldo	40
Denílson	10
Edílson	2
Luizão	2
Ronaldinho Gaúcho	1
Kléber	1

ZAGUEIROS	
Lúcio	51
Juan	31
Antônio Carlos	9
Roque Jr.	6
Ânderson Polga	5

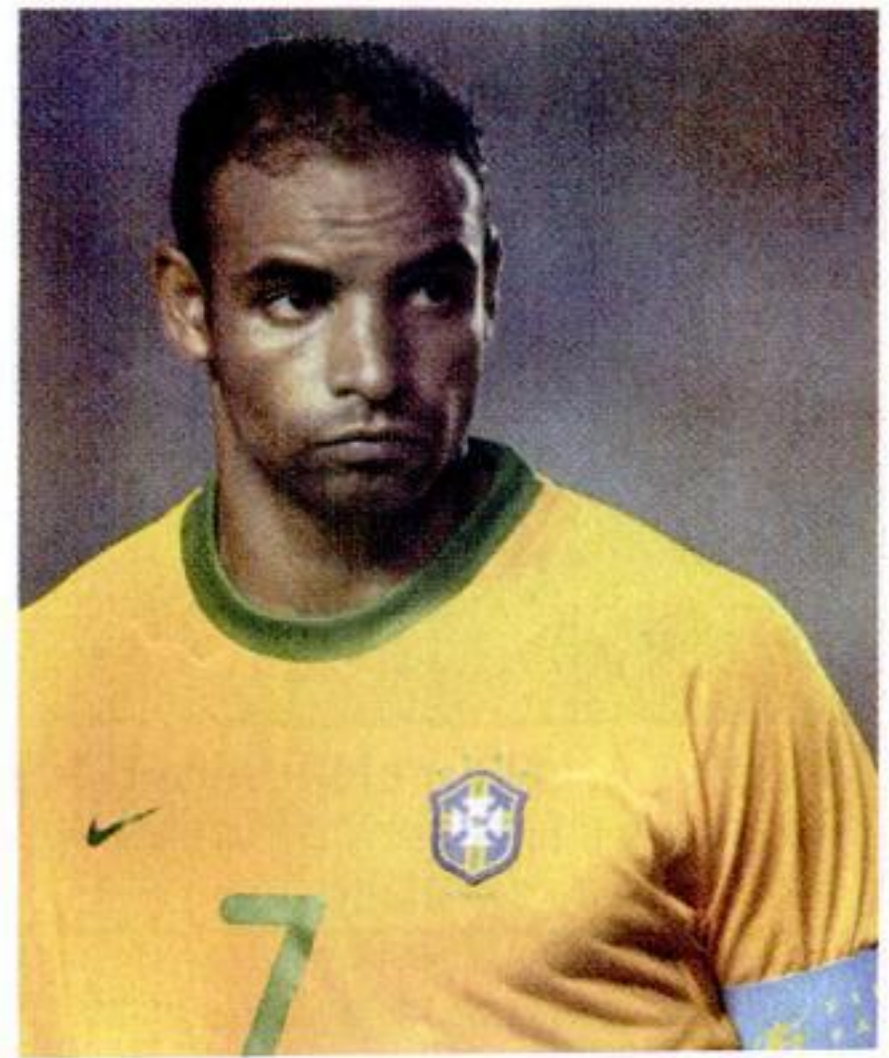
VOLANTES	
Emerson	51
Vampeta	43
Gilberto Silva	8

MEIAS	
Rivaldo	46
Juninho Paulista	46
Kaká	5
Alex	4
Adriano	1

A ÚLTIMA SELEÇÃO DO POVO*

5 090 votos, de 28/3/02 a 5/4/02

G Rogério Ceni
Z Lúcio
Z Ânderson Polga
Z Juan
LD Cafu
V Emerson
V Gilberto Silva
M Rivaldo
LE Roberto Carlos
A Ronaldo
A Ronaldinho Gaúcho

**O esquema 4-4-2 da seleção foi adaptado ao 3-5-2 de Felipão com a inclusão de um terceiro zagueiro e a exclusão do segundo meia*

Muitos enxergam nele um brucutu. Grande coisa. Ao lado do zagueiro Lúcio, Emerson jamais perdeu a posição no escrete popular

PEDRO MARTINELLI

1988 - Romário justifica sua convocação para os Jogos Olímpicos de Seul com a sua especialidade: gols. Mesmo assim, ele não foi capaz de trazer a inédita medalha de ouro. Na decisão, derrota para a União Soviética e o sonho mais uma vez adiado

PEDRO MARTINELLI

1990 - Após recuperar-se de uma fratura no tornozelo, ele disputa a Copa da Itália, mas joga (e mal) apenas contra a Escócia. Uma decepção

EUGÊNIO SÁVIO

1994 - Num desempenho irretocável, Romário leva o Brasil ao tetra e se consagra

RICARDO CORRÊA

1996 - Zagallo preferiu Aldair, Bebeto e Rivaldo, e o Brasil levou ferro da Nigéria na Olimpíada de Atlanta

2000 - Luxemburgo e os jogadores não quiseram ele na Olimpíada e pagaram caro por isso. O 11 em Sydney era Giovanni

ALEXANDRE BATTIBUGLI

2000 - O desafeto Vanderlei Luxemburgo enfim o convoca e Romário responde com três gols contra a Bolívia no Maracanã

2001 - Ele faz o gol do Brasil contra o Peru, pelas Eliminatórias. O técnico era Leão, com quem firmou uma espécie de pacto

2001 - Desde os treinos, em Teresópolis, eles não se entenderam. O técnico não gostou do comportamento "diferenciado" do craque; leia-se celular o tempo todo, distanciamento dos demais jogadores, etc.

VAI PRA O TRONO OU NÃO VAI?

Ok, ninguém agüenta mais a polêmica Romário na Copa. Mas já que Felipão implica tanto com o homem, vamos nos divertir um pouco com o drama

Trata-se da polêmica mais chata e fundamental do Brasil de hoje. Romário deve ou não deve ir à Copa? Florestas inteiras já devem ter sido derrubadas para que jornais e revistas se ocupassem do tema. Comentaristas das mais diversas especialidades opinaram e até Fernando Henrique Cardoso já meteu seu bedelho. Só que a questão é importante, sobretudo quando lembramos que artilheiros fazem toda a diferença em um torneio de tiro curto como a Copa. De qual Romário estamos falando? Do Baixinho infernal de 1994, do bichado de 1998, do artilheiro dos Brasileiros de 2000/01 ou do sonâmbulo que nada fez contra o Uruguai nas Eliminatórias?

Estamos falando de todos eles, tentando achar uma solução mágica para um time que até agora não se encontrou. Por meses, aguardamos a chegada do artilheiro-messias e jogamos para o segundo plano o fato que o futebol exige outros dez jogadores, esquema de jogo, confiança e motivação. O pior é que nunca descobriremos a resposta do enigma. Se ele ficar no Brasil e perdermos, quem pode garantir que venceríamos com ele? E se Romário for e ganharmos, como ter certeza que a vitória não seria ainda mais fácil sem ele?

É óbvio que Romário está mais para TV Mitsubishi do que para Ulsan, o QG do Brasil na Coréia. Felipão não o quer, se tudo der certo ele não vai mesmo. O Baixinho só tem alguma chance de ir se fizer macumba brava. Ronaldo precisaria se contundir, o Brasil teria que apanhar feio nos amistosos para o atacante do Vasco ser chamado de última hora.

O Baixinho fez a sua parte e jogou fora de suas características. Em 4 de abril, convocou uma coletiva no Rio. Despiu-se de qualquer orgulho e fez uma última (e desesperada) tentativa de ir ao Mundial. Disse que até entenderia Felipão se seu nome não fosse lembrado, mas lascou um "até onde um ser humano puder chegar, eu vou chegar para ir à Copa". E chorou, lágrimas mostradas no Jornal Nacional. Foi ainda mais longe. Pediu desculpas ao treinador e aos colegas. "Nada do que fiz reprova minha presença no grupo. Mesmo assim, gostaria de pedir desculpas por alguma coisa que possa ter feito ou deixado de fazer." Uau! Um Romário irreconhecível.

Não se tem registro de lágrimas derramadas por Felipão. Mas o discurso humilde de Romário facilitaria uma eventual mudança de idéia do técnico. É ingenuidade achar que ele simplesmente não suporta trabalhar com estrelas temperamentais e que por isso Romário está fora. Felipão é rodado o suficiente para saber que craques garantem o bicho, mesmo quando são insuportáveis.

Para discutir o caso, convocamos dois sinceros jornalistas. Arnaldo Ribeiro e André Fontenelle são radicais no tema e se pegam na redação da PLACAR há tempos. André, carioca de Copacabana, orgulha-se de ter visto Romário surgir em 1987 e perceber na primeira hora que se tratava de um fenômeno. Arnaldo não acredita em futebol exclusivamente cerebral. Apesar da conversa gasta, as próximas páginas são imperdíveis. Felipão bem que poderia dar uma olhada nelas antes de tomar a dura decisão.

ROMÁRIO NA SELEÇÃO

Estréia: Brasil 0 x 1 Eire (23/5/1987)

Último jogo: Brasil 0 x 1 Uruguai (1/7/2001)

Jogos: 78 | **Gols:** 62*

Títulos: Campeão do mundo (1994), vice-campeão olímpico (1988), bicampeão da Copa América (1989 e 1997), campeão da Copa das Confederações (1997)

* Fonte CBF

POR QUE ROMÁRIO SIM *por André Fontenelle*

Talvez a gente não ganhasse a Copa com ele. Mas que seria muito mais divertido, seria

Antes de começar meu arrazoado como advogado de defesa de Romário de Souza Faria, convém apresentar minhas credenciais. Sou sócio remido, portador da carteira número 001 do Clube dos Romaristas. Defendo a presença de Romário na Seleção não desde a Copa de 1990, 1994, 1998 ou 2002: ele já deveria ter jogado o Mundial de 1986, no México. Então vocês já sabem que não estão lidando com um recém-convertido à causa romariana, como existem tantos por aí. Sou um dos fundadores da seita.

Na flor dos 20 anos, Romário teria triturado a defesa francesa no calor de Guadalajara. Mas Telê Santana nem deve ter visto quando ele decidiu com dois gols a Taça Guanabara daquele ano, contra o Flamengo ("Bom, esse tal de Romário" foi o comentário de Luciano do Valle no dia seguinte, na televisão).

Paciência, em 1990 Romário estaria lá. Mesmo semidesaparecido no PSV Eindhoven — quem dá valor ao artilheiro do Campeonato Holandês? —, ele era presença certa no mundial desde que decidira a Copa América do ano anterior, no Maracanã, contra o Uruguai. Uma maldita fratura no tornozelo o jogou no banco de reservas, de onde ele viu Müller perder aquele gol contra a Argentina.

Teríamos que esperar mais quatro anos. Os prodígios de Romário no Barcelona, porém, não bastaram para abrir os olhos de Carlos Alberto Parreira. Foi preciso chegarmos à última rodada das Eliminatórias ameaçados de desclassificação para que Parreira (felizmente a tempo) engolisse a teimosia e chamasse o artilheiro. E assim, aparentemente pela única vez, pudemos ver Romário em plena ação numa Copa do Mundo. Não preciso lembrar o resultado.

Em 1998, a Seleção teria Romário de novo. Mas também tinha Zico, o homem que assumiu o cargo de coordenador dizendo: "De Copa perdida eu entendo." Ora bolas, eu queria um cara que entendesse de Copa ganhada. E o que tínhamos se machucou. Não vou ficar especulando sobre o que teria acontecido se Romário não tivesse sido cortado. Mas, como muita gente, lamento termos sido privados dessa opção.

Eu achava que as Olimpíadas de Sydney tinham ensinado uma lição aos treinadores da Seleção Brasileira: é melhor perder com Romário do que perder sem ele. Infelizmente, Luiz Felipe Scolari é daqueles que pensam que, só por ser técnico da Seleção Brasileira, tem o direito de convocar quem quiser.

Não teremos outra oportunidade de ver Romário em uma Copa do Mundo (embora eu tema que, na cabeça dele, 2006 não pareça tão distante). Temos o privilégio de ver em atividade o segundo maior artilheiro do Brasil em todos os tempos (ou melhor, o primeiro, porque Pelé não conta mesmo) e não o queremos na Copa do Mundo. Nós brasileiros somos assim.

Outro dia, durante uma viagem a Buenos Aires, um colega jornalista argentino me disse: "Por aqui estamos torcendo para vocês não levarem o Romário." É natural: como argentino, ele quer facilitar as coisas para a Argentina. O que não é natural é que parece que nós também queremos.

Fico imaginando Luiz Felipe Scolari técnico da Seleção de 1958. Não teria levado Pelé (muito inexperiente). Não teria levado Garrincha (fugia da concentração). Teria deixado Vavá no Brasil (só fazia gol contra o Bambala e o Arimatéia). Em compensação, que grupo unido nós teríamos tido!

Podem dizer que estou falando do que não conheço. Que não sei nada sobre o convívio de um grupo de 23 jogadores com um treinador, sobre a necessidade da disciplina e tudo mais. É verdade. Aos 30 anos, tenho pouca esperança de um dia disputar uma Copa do Mundo. Por isso prefiro acreditar nas palavras de quem já esteve lá dentro. "Eu prefiro um jogador desobediente que faça gol a um santinho que não faz." Quem disse isso foi o tetracampeão Branco, que deve saber do que está falando: teve que aturar Romário em 1994, mas deve a ele um título mundial.

Não que eu ache que com Romário em campo a Copa do Mundo estaria no papo. Não estaria. Mas vocês estão partindo do princípio que Copa foi feita para ganhar. Eu não quero que o Brasil ganhe a Copa do Mundo (se ganhar, ótimo), eu quero me divertir! E sem Romário eu sei que vou passar um mês afundado no sofá, sem motivo para acordar a vizinhança de madrugada.

Por que privar este homem da oportunidade de repetir esta cena?

ALEXANDRE BATTIBUGLI

POR QUE ROMÁRIO NÃO

por Arnaldo Ribeiro

Ele virou mito muito mais pelas suas ausências do que pela sua presença

"Cara, você deveria ser eternamente grato ao Romário pelo título de 1994." Quantas vezes, eu ouvi essa frase... Não dá para agüentar, mas também não há como discordar. Romário pode não ter vencido a Copa "sozinho", como Maradona fez em 1986, pela Argentina, mas é inegável que ele desequilibrou, que ele decidiu, que ele trouxe o tetracampeonato. Mas eu prefiro construir a frase de abertura de uma outra maneira: "Cara, Romário deveria ser eternamente grato ao Mundial de 1994 pelo que aconteceu desde então na sua carreira."

Romário vive até hoje deste título. É verdade que continuou fazendo gols por todos os cantos (muitos contra Olaria, Volta Redonda e Cabofriense, com todo o respeito), mas na Seleção ele tornou-se um Deus muito mais por ter estado ausente em todos os fracassos do nosso time desde 1994 do que pelo que fez em campo nesse período.

Olimpíada de 1996: "Ah, se Romário estivesse lá...". Copa do Mundo de 1998: "Com Romário, seria outra história." Olimpíada de 2000. "Se Vanderlei Luxemburgo tivesse levado o Baixinho, a medalha de ouro inédita seria nossa." Seria mesmo?

Meu Deus! Quem disse que Romário faria o Brasil vencer duas Olimpíadas e uma Copa? "Olha, em 1994 ele decidiu." Pois é. Mas fazem oito anos, caramba!

Para a imagem do Romário, veio muito a "calhar" — bem entre aspas, mesmo — as contusões e as birras com treinadores que o afastaram das últimas competições importantes da Seleção. A reputação dele ficou intacta e a tese do "se ele estivesse lá..." se reforçou. Ele esteve lá na Olimpíada de 1988 e na Copa de 1990 e nem por isso o Brasil foi campeão.

MELHOR QUE ZICO E CARECA?

O fato é que Romário tornou-se uma espécie de mito, superando craques como seu desafeto Zico e Careca na galeria dos imortais da era pós-Pelé. Esses ganharam a pecha de "perdedores". Se os vencedores merecem mesmo um lugar reservado entre os imortais, ninguém me convence que Romário jogou mais que Zico e Careca. Eles faziam gols também, e muito mais. Criavam jogadas, se movimentavam por todos os lados do campo, decidiam jogos perdidos.

Não que Romário não decida jogos, mas os tempos são outros. Como o próprio Baixinho vive dizendo "tá fácil, peixe". É. Ele afirmou mais de uma vez que balança cada vez mais as redes muito porque as nossas defesas e nossos zagueiros atuais são medíocres. Tá mais fácil mesmo, Romário.

Defesas arrombadas, falta de concorrentes na posição também. Ronaldo é uma incógnita, depois de tanto tempo parado. Luizão vive fora de forma e não tem o mesmo refinamento. França não tem personalidade suficiente. Élber só joga na Alemanha. Ninguém conseguiu ocupar o posto do Baixinho e assim ele se mantém como esperança.

Não dá para supor que Romário tenha ficado melhor depois de velho. Principalmente para um atacante, que sempre depende da velocidade, a analogia com o vinho não cola.

Hoje, ele não consegue mais dar aqueles "rushes" infernais e vive sofrendo contusões musculares. Como disse Tostão numa de suas colunas na *Folha S. Paulo*, Romário "há muito tempo não faz sua jogada característica: posicionar-se na intermediária com o corpo de lado, com um olho no lançamento e outro no zagueiro. Aí, ele parte no momento certo, para receber a bola na frente e fazer o gol. Outro jogada típica do atacante é dominar a bola em pequenos espaços, girar o corpo já driblando o zagueiro e finalizar. Tudo isso numa fração de segundo. Isso raramente tem acontecido." Esse foi Tostão, para quem Romário FOI o melhor centroavante brasileiro de todos os tempos, e também "FOI a síntese perfeita da genialidade e objetividade de um centroavante."

O Romário de hoje não é melhor que o de 1994, mesmo fazendo mais gols. O Romário de hoje também não é confiável. Ele pode estourar como às vésperas da Copa da França.

Não entro nem no mérito dos problemas extra-campo do Baixinho, da indisciplina, da arrogância, do tratamento especial que ele exige, da tal falta do espírito de grupo — esses são os motivos que levaram Felipão a excluí-lo. Os meus são, digamos, mais técnicos. Eu não acredito mais em Romário.

Romário chora com o corte antes da Copa de 98: no fim, ele até lucrou com o episódio

OUTROS CRAQUES INJUSTIÇADOS

Esqueceram (também) de nós

Injustiçado? Talvez, mas Romário não é o único. Desprezar "unanimidades" sempre foi uma das marcas dos técnicos brasileiros

Quem não se lembra da Copa de 78, na Argentina? Falcão comendo a bola no Inter, encantando a todos — ou melhor, a quase todos. Cláudio Coutinho, técnico da Seleção Brasileira, preferia outros, tais como o tosco Chicão, então no São Paulo. Falcão não ficou nem entre os 22 convocados e teve de acompanhar o Mundial pela televisão.

Romário já deve ter ouvido esta história e pode se consolar com ela. Ele não é o único "injustiçado" da trajetória da Seleção em Copas. Longe disso.

Em 1962, Mauro Ramos de Oliveira foi o capitão que ergueu o troféu no bicampeonato do mundo, no Chile. Mas 12 anos antes, quando o Brasil abrigou a Copa, ele sofreu uma grande decepção ao ficar de fora da lista final do técnico Flávio Costa, apesar de ter disputado os amistosos preparatórios. Flávio Costa preferiu Augusto, do Vasco, e Juvenal, do Flamengo, e foi acusado de bairrista por ter deixado o são-paulino Mauro de fora. O capitão do bi chegou a ficar cinco anos fora da Seleção depois do "trauma".

Em 1966, o Brasil chegou a ter quatro Seleções às vésperas da Copa. Confusão suficiente para vitimar na lista final incontestáveis na época como Carlos Alberto Torres e Roberto Dias.

Quem disse que é perda de tempo discutir as vitórias? Será que existe algo para contestar na Seleção de 70? Os torcedores do Cruzeiro dirão que sim. Dirceu Lopes era titular com João Saldanha e estava com um pé na Copa. Pois bastou Zagallo assumir o comando do time para ele sumir. Não ficou sequer entre os 22.

Telê Santana foi um dos maiores treinadores que o país já teve? Sem dúvida. Mas ele também tinha suas manias. Em 1982, deixou Leão de fora porque implicava com a personalidade forte do goleiro e trocou-o por Waldir Peres. Deve ter se arrependido.

Quatro anos depois, outra de Telê. Por problemas disciplinares, Renato Gaúcho foi descartado da Copa do México, e o Brasil ficou sem um jogador capaz de criar perigo pelas pontas.

No Mundial de 90, a polêmica envolveu Neto, a estrela do Corinthians na época. Ele não foi à Copa da Itália. Lazaroni preferiu Tita e Bismarck, ambos do Vasco, para desespero dos torcedores — e jornalistas — paulistas.

Quem era o melhor time do Brasil em 1994? O Palmeiras, de Zinho, Mazinho, Evair, César Sampaio, Edmundo, Antônio Carlos e Roberto Carlos. Pois só os dois primeiros foram lembrados por Parreira...

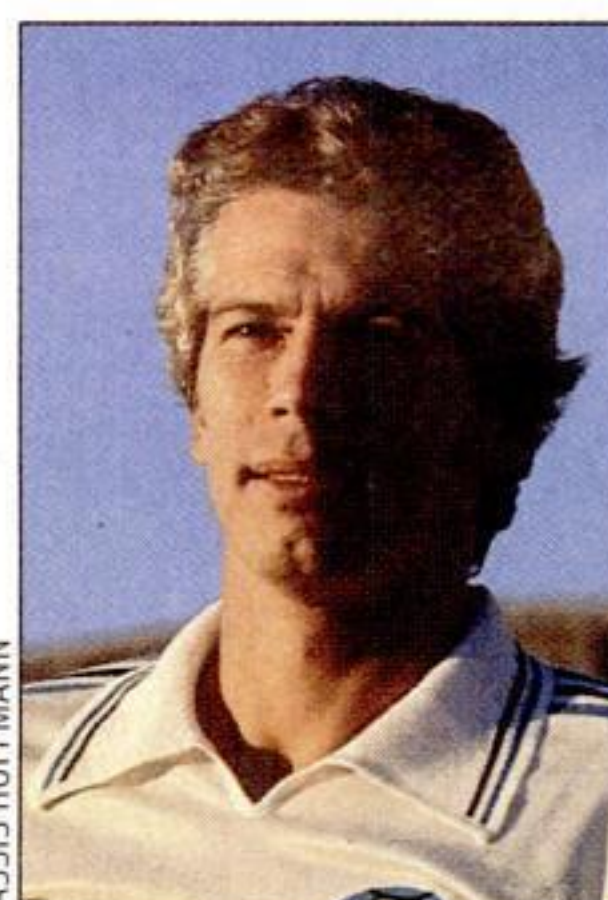
Edmundo, Neto, Leão, Falcão, Dirceu Lopes, Mauro... Viu Romário? Você pode até ser o caso mais significativo, mas, com certeza, não é o único.

1966 Carlos Alberto Torres, aos 22 anos, já comia a bola, mas, na confusão que marcou a preparação para a Copa, acabou ficando de fora. Fez muita falta

J B SCALCO

1978 Trocar Falcão por Chicão? Nem Cláudio Coutinho conseguiu explicar...

1970 Dirceu Lopes era titular com Saldanha. Mas bastou Zagallo entrar...

ASSIS HOFFMANN

1982 Leão vinha de um título brasileiro pelo Grêmio, mas Telê implicava com ele. Preferiu Waldir Peres, que levou aquele frango incrível na estréia

LUIZ AVILA

1986 Renato aprontou fora de campo e Telê o cortou. O Brasil ficou sem ponta

RICARDO CORRÊA

1990 Neto era o xodó da Fiel, mas Lazaroni preferiu Bismarck. Paciência

EDUARDO MONTEIRO

Luiz Felipe Scolari, num reles treino físico da Seleção. Jogador, cuidado: você está sendo observado

DIGA 23, FELIPÃO

Ele rascunhou, rascunhou e chegou aos seus 23 ou 24 fiéis-escudeiros, ignorando o Baixinho, que acumulou pontos negativos. PLACAR explica as preferências do homem

Foram nove meses de trabalho, 15 partidas, 58 atletas testados e observados nos mínimos detalhes por Luiz Felipe Scolari até que ele chegasse a uma definição. O técnico da Seleção tem até um prosaico caderninho, onde anota pontos positivos e negativos para cada ato dos atletas dentro e fora do campo. Neste caderninho, é possível descobrir que Élber foi riscado da Seleção porque não se esforçou para atender às convocações e que França foi esquecido por não ter uma personalidade forte. Lá também estão os motivos que fizeram o treinador descartar Romário — como, quando e onde ele fez (se é que ele fez...) a presepada que o queimou com o treinador logo no primeiro jogo da era Felipão, contra o Uruguai — e a justificativa para o intocável esquema tático 3-5-2.

Mas não é necessário decifrar os "manuscritos felipescos" para entender como ele chegou aos 23 ou 24 nomes finais. Basta conversar com o "professor" ou entrevistá-lo uma vez para constatar que ele privilegia aqueles que foram ou são fiéis a ele — às vezes, independentemente da qualidade técnica. Nesse caso, podem ser incluídos Marcos, Dida, Belletti, Roque Júnior, Júnior, Emerson, Edílson, Luizão e por aí vai.

Nas páginas seguintes, você confere um perfil de cada um dos 24 eleitos por Felipão e encontra o porquê de cada um ter conquistado o comandante. São 24 e não 23 — o número de inscritos na Copa — pois uma dúvida principal insiste em atormentar o técnico: Djalminha ou Juninho Paulista?

As outras incertezas são mínimas. Felipão ainda não decidiu se leva quatro ou cinco zagueiros, quatro ou três laterais... Por isso, não deixamos de lado a trupe que ainda tem alguma possibilidade de ir ao Mundial, casos de Júlio César, Cris, Vampeta, Alex, César Sampaio, Paulo César e Washington. A chance deles depende de uma contusão, uma atuação desastrosa ou de uma grande pisada de bola de um dos 24 preferidos pelo técnico. Só que ninguém seria suficientemente tolo para sujar o caderninho nesta altura do campeonato, não é mesmo?

São Marcos, tão titular como contestado: "Fiquei 26 anos longe da Seleção e não passei fome"

RICARDO CORRÊA

O SANTO FORTE DE FELIPÃO

É uma questão de fé. O técnico brasileiro acredita que terá na Copa o São Marcos das Libertadores e não o inseguro goleiro de alguns jogos das Eliminatórias

Com a camisa do Palmeiras nas Libertadores de 1999/00 Marcos teve atuações tão eletrizantes quanto as dos grandes estilistas da linha. Não é fácil vibrar com goleiros, os estraga-prazeres do futebol, os sujeitos que evitam os gols. Marcos conseguiu essa façanha com defesas espetaculares e pênaltis, muitos pênaltis, pegos pelo Palmeiras.

O que você faria se pudesse ser campeão mundial de clubes e seu goleiro saísse do gol catando borboletas e não cortasse o cruzamento que resultasse no gol da derrota? Foi isso que aconteceu com Marcos na decisão do Mundial contra o Manchester United, no Japão. Agora, se você pudesse escolher entre todos os goleiros do país para ir para uma Copa do Mundo chamaria exatamente a mesma pessoa? Felipão confia, porque a atitude de Marcos foi das mais dignas já registradas no futebol brasileiro. Não inventou que o sol ou o reflexo do refletor no estádio atrapalhou, nem que foi encoberto por um companheiro ou adversário. "Eu errei, só isso", foi tudo o que Marcos disse.

Com a camisa do Palmeiras Marcos falhou no Mundial Interclubes de 1999. Com a camisa da Seleção ele fez feio na altitude boliviana e ainda não conseguiu a canonização. Felipão escolheu o Marcos do primeiro parágrafo como o titular da camisa 1. Goleiro é cargo de confiança no futebol e Marcos é o homem de confiança do técnico.

Por várias razões. Marcos não se deixa abater com as falhas e, para um sargentão como Felipão, trata-se de uma notável qualidade para fazer parte de um grupo. Marcos não é chorão, não reclama da sorte e chama a responsabilidade para si. E, claro, pega muito!

Fora dos campos o goleiro não se comporta como "o preferido-do-técnico-que-não-precisa-fazer-nada-para-seguir-no-time". Segue treinando forte, evita declarações que demonstrem preocupação exagerada com a vaga à Copa. "Vivi 26 anos longe da Seleção e nunca passei fome", disse certa vez. Marcos não se deixa iludir por estar sendo convocado permanentemente desde que Felipão assumiu o comando da Seleção Brasileira.

O goleirão já sentiu na pele o que é estar preparado para disputar um Mundial e ter a frustração de não poder realizar o sonho. Era da Seleção de Juniores e ele estava no avião que levava a delegação para a Austrália quando, durante o vôo, recebeu a notícia de que estava cortado do grupo. Para doer mais ainda, a Seleção conquistou o título mundial e ele ficou a ver estrelas. "Fui cortado no dia do meu aniversário. Jurei que não voltaria mais para qualquer seleção, a não ser a principal."

O sonho foi enfim realizado em 1996, depois de disputar apenas 12 partidas pelo Palmeiras no Brasileirão, por ser reserva de Velloso. Dá para entender? "Nós o convocamos pelo que estava fazendo no Palmeiras, mas também levamos em conta sua história nas seleções de base", disse Américo Faria na época. Até hoje, no entanto, Marcos demonstra uma certa melancolia quando o assunto é seleção. É daqueles jogadores que acreditam que sempre têm algo para provar. E para ganhar. É péssimo perdedor. Fica bravo, de mal humor. Tudo isso, aliado ao título conquistado na Libertadores e às fundamentais participações em inúmeras partidas pelo Palmeiras sob o comando do próprio Felipão, lhe valeu a confiança do treinador para esse grupo.

Mas, claro, só bom caráter não ganha eleição e nem jogo. Para o preparador de goleiros Valdir de Moraes, que o lançou no Palmeiras e trabalhou com Dida na Seleção e no Corinthians, Marcos tem uma outra característica especial: "A imagem que ele passa é de ter mais agilidade do que o Dida, que por sua vez transmite mais tranqüilidade."

O Marcos cidadão tem mais a ver com simplicidade. Nascido em Oriente, uma pacata cidade do interior paulista, é fã de música sertaneja. "Eu gosto é de sertanejo brabo. De Teodoro e Sampaio, Tião Carrero e Pardinho..." Tem outras manias, como colecionar bonés. Mas nada mais na vida dele parece se comparar ao amor pelo filho Lucca, fruto do relacionamento com uma antiga namorada. Com a correria dos treinos, viagens e jogos pelo Palmeiras e, agora, pela Seleção, aproveita o tempo que tem para brincar com Lucca. "Brinquedo pra ele é bola. Tô investindo pesado no moleque." E não quer correr o risco de deixar o menino virar goleiro. Prefere um filho-artilheiro, mas... "Outro dia, pus a bola em cima da linha e disse: 'Faz, Lucca!' Ele correu e pegou-a com a mão. Foi uma baita decepção!"

O pai é mais obediente. Quando seu companheiro de equipe Daniel chiou por ter que trocar a lateral direita pela esquerda no ano passado, Marcos não o perdoou: "Ele recebe para jogar na posição que o treinador quer". Um treinador linha dura como Felipão poderia querer o que mais de um atleta para levá-lo para uma Copa do Mundo?

MARCOS ROBERTO SILVEIRA REIS		
Posição: Goleiro		**NA SELEÇÃO:** **13 jogos / 11 gols (sofridos)**
Nascido em: Oriente(SP), em 3/7/73		**Por que vai para a Copa:** É ágil, seguro e bom de pênalti. É homem de confiança de Felipão desde a Libertadores vencida pelo Palmeiras em 1999
Altura: 1,93 m	**Peso:** 86 kg	
Clubes: Palmeiras (desde 93)		

O sisudo Lúcio, nos tempos de Inter: apontado por Figueroa como o seu verdadeiro sucessor

EDISON VARA

A MINHA CARA DE MAU

Ele já deu cabeçada em companheiro de time e dificilmente ri. Impondo respeito, à força ou não, Lúcio acabou virando intocável na zaga brasileira

Lúcio? Zagueiro da Seleção? Quem não associava uma coisa à outra, passou a fazê-lo na Olimpíada de Sydney, no fatídico jogo em que o Brasil, com dois a mais, foi eliminado por Camarões. Numa discussão quente, que refletia o desespero total do time, Lúcio, 1,88 m, acertou uma cabeçada incrível na testa de Roger, 1,71 m. Tudo por uma cobrança de falta. O ato irracional não sujou sua imagem na CBF e nem interrompeu sua trajetória com a camisa amarela. Pelo contrário: serviu para valorizá-lo, para reforçar a sua fama de macho, de mau.

"Teve muita gente que me apoiou, entendendo que eu queria o melhor para a Seleção. Outros elogiaram o gesto ríspido e até brincaram: 'É assim que se faz.'" Não que Felipão tenha sido o autor desta frase, mas quem conhece o perfil do treinador...

Tudo bem, mas o durão Lúcio não se arrependeu? "Ninguém merece levar cabeçada, mas toda a equipe tinha que ser cobrada severamente. A cabeçada foi um exagero. Tenho esse estilo, muita vontade e acabei me excedendo. Depois, pedi desculpas."

Lúcio continua não gostando de perder e cobrando implacavelmente seus colegas, seja na Seleção ou no Bayer Leverkusen, da Alemanha, onde já se sente à vontade. "A minha adaptação não foi difícil. Acho que o fato de ter jogado no Sul, onde o futebol é mais pesado, ajudou muito. Minha característica também é mais para esse lado. Minha família também se adaptou e isso é importante para o rendimento no dia-a-dia."

E a língua? "É o maior problema, mas é superável. A vantagem é que os alemães entendem bem o problema da língua, sabem que o idioma é difícil e que o jogador demora um pouco para começar a entender o que se fala. E que no começo ninguém tem obrigação de dominar o idioma."

Coincidentemente ou não, foi jogando na Alemanha que Lúcio tornou-se titular da Seleção. "Se meu futebol cresceu na Europa? Não sei dizer, mas o fato de ser chamado sempre para a Seleção e de estar entrando como titular, é a prova de que estou bem, né? É o que me interessa." A nós também, Lúcio.

O zagueiro de maior prestígio do Brasil hoje em dia despontou para o futebol no Internacional, mas começou a jogar para valer em Brasília, onde nasceu. "Jogava no Guará. De lá, eu vim para o Inter. Fui observado num jogo em que perdemos para o próprio Inter de sete. Mesmo assim, agradei."

No Inter, Lúcio tornou-se o herdeiro de uma escola de zagueiros que teve Mauro Galvão, Aloísio e Gamarra, todos depois de Figueroa. "Estava no Chile na época, mas meus amigos gaúchos diziam que enfim tinha aparecido meu verdadeiro sucessor." Esse é Figueroa, a respeito de Lúcio.

Lúcio não viu o chileno jogar e aponta o italiano Baresi e Mozer como seus modelos de zagueiros. Melhor companheiro para atuar na Seleção? "Tanto faz." É a resposta de Lúcio. "Eu gosto de jogar com quem se esforça."

Se para zagueiro Lúcio não tem preferência, a coisa muda quando o assunto é atacante. Diz que os mais difíceis de enfrentar são o francês Anelka e os brasileiros Élber, França e Ronaldinho Gaúcho, com quem travou duelos inesquecíveis nos tempos de Grenal.

Ronaldinho Gaúcho, por sinal, é um nome que faz com que Lúcio sonhe com a conquista do título na Coréia do Sul e no Japão. Segundo o zagueiro, os dois Ronaldinhos, Rivaldo e Denilson são todos jogadores capazes de decidir uma partida de uma hora para outra.

Otimista demais? "Acho que o que aconteceu em 1994 pode se repetir. O Brasil também passava por um momento difícil e conseguiu faturar o tetra. Acho que a atual equipe é formada por um grupo de jogadores espetaculares, atletas de altíssimo nível, que têm condições de vencer qualquer competição." É, otimista. Jogadores espetaculares e de altíssimo nível até na defesa, Lúcio? "Vejo bons zagueiros na Seleção Brasileira. O problema é que a responsabilidade é muito grande. Você não pode falhar. A falha marca muito quando é na defesa e daí pegam pesado na cobrança."

De qualquer forma, Lúcio já sonhou com o penta e até com arrancadas suas criando situações de gol no Mundial. "Gosto de sair com a bola dominada e chegar à frente. Acho que surpreendo os adversários. Só não farei essa jogada se o técnico não deixar." E quem é que vai dizer não para essa cara de mau, Lúcio? Nem Felipão — que, por sinal, se identifica muito com o estilo do pupilo.

"Acho que esta cara é porque sou um pouco tímido e retraído. Aí parece que é cara de mau. Quem me vê jogar e me conhece sabe que não é isso." Tudo bem, Lúcio, tudo bem...

LUCIMAR DA SILVA FERREIRA (LÚCIO)

Posição: Zagueiro	**NA SELEÇÃO: 14 jogos / nenhum gol**
Nascido em: Brasília (DF), em 8/5/78	**Por que ganhou a vaga:** Tornou-se o zagueiro brasileiro com maior prestígio no exterior. Além disso, tem personalidade e espírito de liderança que cativam Felipão
Altura: 1,88 m — **Peso:** 80 kg	
Clubes: Guará-DF (97), Internacional (98-00) e Bayer Leverkusen-ALE (desde 2001)	

Roque Júnior, com a camisa da Seleção: gol importante e confiança do técnico

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ROQUE, O SONHADOR

Você vive tendo pesadelos com ele? Felipão, não. Pelo contrário, o treinador transformou o antigo Júnior 2º no primeirão da zaga brasileira

A bola foi levantada na área. A torcida vaiava o técnico Leão e a Seleção, bandeiras do Brasil foram atiradas a rodo na pista de atletismo do Morumbi. O time não conseguia marcar um único gol nos colombianos, num daqueles jogos de seis pontos pelas Eliminatórias. Já nos descontos, um zagueiro entrou no meio do bolo e fez de cabeça o gol da vitória. "Foi um momento importante tanto para mim quanto para a Seleção naquela altura. Um jogador sonha em viver um momento como esse. Vai ficar guardado para sempre." E Roque Júnior sonha com mais, muito mais.

Muita coisa mudou desde que mais um Júnior se profissionalizou no São José, em 1994. No ano seguinte, foi jogar no Palmeiras e, como não tinha muito espaço no clube, logo virou o "Júnior 2º". Ou seja, aos 19 anos, nem mesmo o mais importante Júnior do Palmeiras ele era, apenas o "segundo".

A história começou a mudar quando Luiz Felipe Scolari assumiu o comando do time. O treinador gostou de sua habilidade, lhe deu mais espaço e cobrou algumas mudanças de atitude. "Ele é um zagueiro muito técnico, mas tem que aprender a eficiência de dar umas trombadas. Ele precisa aprender a ser um pouco mau também", disse o treinador, ao seu estilo, logo depois de sua chegada ao Palestra Itália.

O conselho que Felipão tentava passar ao zagueiro era muito simples. Ele tinha que se impor fisicamente. Tinha que dividir todas as bolas e só podia perder uma de cada dez que disputasse. Nessa que perdesse, tinha que fazer a falta.

"Todo treinador passa muito conhecimento. É necessário aprender com isso e ver o que serve para você. O mais importante para mim foi eu ter tido a oportunidade de fazer uma série longa de jogos, o que me deu tempo para pegar o ritmo do profissional no início da carreira."

Júnior 2º então conquistou a confiança do treinador, se tornou um líder dentro de campo e ganhou até um nome mais pomposo, de titular. Nada de "segundo". Passou a ser "Roque Júnior", um nome duplo, como virou moda no futebol brasileiro nos últimos tempos.

Foram três anos jogando sob a batuta de Felipão, um período de títulos importantes. Ganhou uma Taça Libertadores, uma Copa Mercosul, uma Copa do Brasil, um Campeonato Paulista e um Torneio Rio-São Paulo.

Passou a ser respeitado, virou referência para os companheiros e para a torcida. Nos momentos de tensão assumiu responsabilidades, como não fugir das disputas por pênaltis. Nada de "se precisar eu bato". Estava sempre presente, para o bem e para o mal. Na Libertadores-2000, fez o seu na disputa contra o Corinthians e descarregou sua tensão dando um bico na placa de publicidade, tão forte que seu pé a furou e ficou preso.

Não se importou. Estava feliz, pois iria disputar a segunda final seguida de Libertadores. E na final também não se omitiu, mas contra o Boca não teve o que comemorar, pois perdeu sua cobrança, e o Palmeiras, o bicampeonato.

Foi para a Itália jogar no poderoso Milan. Continuou aprendendo a como se comportar na zaga, com um novo posicionamento. "Não importa se um time joga com três ou com quatro lá atrás. A defesa tem que estar bem colocada, os zagueiros têm que conversar bastante."

Continuou realizando seus sonhos. Diz que sempre pensou em jogar em um grande clube, em chegar à Seleção Brasileira e disputar uma Copa do Mundo. "Minha vida gira em torno da minha carreira, não tenho planos fora do futebol. Só vou pensar nisso depois que eu parar."

Em 1999 e 2000, a Seleção parecia que ia virar um sonho distante. Não que Vanderlei Luxemburgo não tenha apostado na sua utilidade durante as Eliminatórias. Mas Roque acabou cortado quatro vezes, sempre por estar contundido, uma fase que, garante, já ficou para trás. "Nem me lembro mais quando foi minha última contusão."

A tranqüilidade é tamanha que ele está podendo se dedicar a outra atividade que aprecia bastante, a leitura. No momento, diz devorar uma biografia do líder negro Malcon X. Detalhe: em italiano, a mesma língua em que ouviu muitos cantos racistas desde que chegou ao futebol europeu. Mas isso também não o perturba. "Quando fui jogar em Verona isso ficou mais evidente. Gritavam todas as vezes que eu pegava na bola, mas isso só aconteceu dentro do estádio. Do lado de fora eu nunca tive problema."

Preparado para disputar a Copa, com o respaldo total do treinador, ele aposta nos problemas vividos pela Seleção durante as Eliminatórias para conseguir o pentacampeonato neste ano. "Passamos por momentos muito difíceis, sofremos bastante, mas isso acabou criando uma união muito grande no grupo, com todos se ajudando muito dentro e fora de campo", diz, com conhecimento de causa. "E não há nada melhor em uma Copa do Mundo do que os jogadores estarem unidos. Quero deixar meu nome marcado no futebol com a participação em algo tão bom." Não custa sonhar, Roque.

JOSÉ VITOR ROQUE JÚNIOR

Posição: Zagueiro		**NA SELEÇÃO: 16 jogos / 2 gols**
Nascido em: Santa Rita do Sapucaí (MG), em 31/9/76		**Por que ganhou a vaga:** Felipão tem confiança nele desde os tempos de Palmeiras. Além disso, acha Roque Júnior um jogador versátil, que também pode ser aproveitado como volante
Altura: 1,86 m	**Peso:** 73 kg	
Clubes: São José-SP (94-95), Palmeiras (95-99) e Milan (desde 2000)		

Polga atropelou na reta final. Para Zinho, "é o melhor terceiro zagueiro do mundo"

EDISON VARA

EM CIMA E EM BOA HORA

Ânderson Polga só pintou na Seleção Brasileira este ano. Seria tarde demais, não fosse a eterna falta de confiança transmitida por nossos zagueiros

No segundo semestre do ano passado, uma campanha que teve início no Rio Grande do Sul conquistou toda mídia brasileira: o veterano Zinho, que fazia chover no Grêmio, merecia voltar à Seleção. Empolgados, alguns gaúchos, timidamente, passaram a sugerir que um tal de Ânderson Polga, que poucos sabiam definir ao certo se era líbero ou volante, também tivesse sua chance. Surpreendentemente, o poderoso lobby pró-Zinho não deu em nada. Já Polga, hoje reconhecido como um vigoroso e seguro zagueiro, não só cavou espaço no grupo que vai à Copa como entrou firme na briga para ser um dos 11 titulares de Felipão.

Os mais experientes companheiros de Grêmio são os primeiros a defender a escolha de Scolari. Zinho garante: "Ele é o melhor terceiro zagueiro do Brasil". Mauro Galvão, profundo conhecedor da arte de "zagueirar", lembra da versatilidade do parceiro de defesa: "O Polga lembra o Edmílson e acho os dois muito bons pela noção que têm na proteção, a versatilidade e a qualidade para começar as jogadas."

A polivalência do hoje zagueiro da Seleção deve ser creditada ao atual técnico gremista. Até a chegada de Tite no Olímpico, no início do ano passado, ele sempre foi volante. Foi o treinador que enxergou em Polga uma grande capacidade de "ler" a partida, qualidade que o ajudava a jogar bem na retaguarda. Quando Tite elaborou o esquema com três zagueiros, que levou o Grêmio a ser uma das melhores equipes do país em 2001, Polga foi retirado da função de volante para ser colocado como zagueiro pelo lado esquerdo. Rendeu muito bem e ficou por lá. Quando Mauro Galvão se lesionou na final da Copa do Brasil do ano passado, virou líbero e a resposta foi igualmente positiva. "Acho que hoje teria que me readaptar para jogar de volante com desenvoltura", diz o jogador, que também já foi testado por Felipão nessa função num amistoso contra a Islândia e correspondeu plenamente.

A goleada de 6 x 1 diante dos frágeis islandeses foi um dos três jogos que definiram o destino de Polga na Seleção. Sem contar com os atletas que atuam fora do Brasil para os amistosos contra a Bolívia, a Arábia Saudita e a Islândia, Scolari deu oportunidades a alguns jogadores que se destacaram por aqui no final de 2001. E o zagueiro do Grêmio foi um dos que não desperdiçaram a chance. Nessas três partidas marcou três gols e mostrou que poderia pintar também como uma boa alternativa no ataque, especialmente nas bolas altas.

O teste derradeiro seria contra a Iugoslávia, quando Polga finalmente teria que segurar um ataque de peso, formado por Mijatovic e Milosevic. Felipão o deixou em campo apenas 45 minutos. Decepção? Não, meio tempo bastou para o técnico ter certeza de que havia escolhido o homem certo para levar à Copa e que poderia na etapa final testar variações táticas em relação ao esquema com três zagueiros.

Quando chegar na distante Coréia, Ânderson Polga encherá de orgulho a pequena Santiago, na região das Missões, onde ainda jovem despertou o interesse gremista. Destacou-se pelo Cruzeiro de sua cidade, time que organiza todos os anos um grande torneio internacional na categoria juvenil. Seu João Vilmar, o pai, torcedor colorado, preferia que o garoto tivesse ido para o Beira Rio, mas hoje se declara tricolor em nome do filho que tinha, e ainda tem em Dunga e Dinho seus ídolos.

Em 1996, com 17 anos, Polga saiu de sua Santiago para Porto Alegre. Com jeito quieto, instalou-se na Caverna, o alojamento para jogadores no Olímpico. Só no meio do ano passado, já titular e campeão pelo Grêmio é que partiu para uma moradia própria. "Não tinha por que sair do alojamento antes. Tinha casa, comida e ainda economizava para comprar um apartamento. Agora já dá para trazer a família para uma visita. Quero conforto, mas não preciso de luxo", diz o zagueiro.

Hoje, Polga é titular incontestável no Grêmio. Mas nem sempre foi assim. A torcida tricolor foi implacável com ele e com o volante Eduardo Costa há alguns anos. A vaia perseguia os jovens feitos em casa e lançados a própria sorte no time de cima. Curiosamente, a dupla incompreendida encontrou abrigo na Seleção de Felipão. Eduardo Costa não vai à Copa, mas garantiu uma transferência para Europa. Polga, além de arrumar as malas para a Coréia do Sul e para o Japão, também pode se mudar logo logo para o velho continente. Sondagens de clubes alemães surgiram antes mesmo de o zagueiro virar um selecionável. As propostas ainda não vingaram, mas o Grêmio sabe que será muito difícil segurá-lo depois do Mundial. Principalmente porque ele tem tudo para, em cima da hora, mas no momento certo, disputar o torneio como titular absoluto da Seleção de Felipão.

ÂNDERSON CORRÊA POLGA		
Posição: Zagueiro		**NA SELEÇÃO: 4 jogos / 3 gols**
Nascido em: Santiago (RS), em 9/2/79		**Por que ganhou a vaga:** Apareceu na Seleção em cima da hora, mas mostrou uma segurança maior que muitos zagueiros que andavam sendo testados por Felipão e seus antecessores
Altura: 1,82 m	**Peso:** 76 kg	
Clubes: Grêmio (desde 99)		

Belletti, Evanílson, Alessandro... Com concorrentes como esses, Cafu é cada vez mais titular

EDISON VAARA

PIOR SEM ELE

Cafu vive sob críticas, outros laterais são testados, mas nada muda. Há seis anos a camisa 2 da Seleção é dele e ninguém tasca

Como um jogador reprovado em nove peneiras de clubes, que já foi xingado em coro por um Maracanã lotado e que irrita a torcida a cada tentativa de cruzamento virou o titular mais unânime da Seleção Brasileira nos últimos seis anos? Talvez porque Cafu, quando finalmente foi aceito por um clube, logo recebeu as bençãos do exigente técnico Telê Santana; talvez por ter respondido as ofensas dos torcedores cariocas com uma Copa do Mundo impecável em 1998. Ou, o mais provável mesmo, por não ter surgido nenhum outro lateral-direito que cruzasse melhor do que ele nesse período. Diante disso, após o Mundial da França, o ex-craque Tostão chegou a fazer um mea culpa que resumia o sentimento nacional: "Nós comentaristas esportivos devemos pedir desculpas ao Cafu."

Os primeiros passos do jogador para reivindicar o atual reinado na Seleção foram dados em 1990, quando, ainda como meio-campista do São Paulo, estreou nas convocações numa lista do então técnico Paulo Roberto Falcão. Até a Copa de 1994 teve que se contentar com o papel de príncipe herdeiro, pois a majestade de Jorginho na lateral direita ainda era inquestionável. No Mundial dos Estados Unidos, Cafu já dava sinais de estar pronto para assumir a coroa. Entrou em três partidas da Copa, a principal delas na final contra a Itália, quando deixou o banco logo aos 20 minutos do primeiro tempo. Consagrado pelo tetracampeonato, o veterano Jorginho ainda permaneceu no trono em 1995, quando foi titular na Copa América disputada no Uruguai. No ano seguinte, porém, era Cafu que iniciava um novo reinado.

Mas para uma unanimidade nacional até que a vida do ala da Roma não tem sido fácil nos últimos tempos. Os críticos que ainda não o engoliram voltaram a se assanhar quando ele andou freqüentando o banco do time italiano no início da temporada 2001-2002. Na Seleção, o jogador passou por momentos de grande turbulência na campanha das últimas Eliminatórias. Em sete partidas, quase 40% do total, não esteve em campo, ora contundido, ora suspenso por cartões. Tecnicamente deixou a desejar e, em pelo menos um jogo, contra o Uruguai, em Montevidéu, comprometeu ao fazer o pênalti que deu a vitória por 1 x 0 à equipe da casa.

O convívio com os treinadores que se sucederam no comando da Seleção Brasileira durante as Eliminatórias também não foi dos mais tranqüilos. Depois da derrota de 2 x 1 para o Paraguai em Assunção, quando foi tolamente expulso ainda no primeiro tempo, trombou de frente com o então técnico Vanderlei Luxemburgo. O lateral pediu dispensa do grupo, que permaneceria concentrado para o jogo seguinte contra a Argentina, alegando estresse por estar há quatro anos sem férias. O treinador consentiu, mas não gostou. No dia seguinte, Luxemburgo disse que, como capitão, não tomaria aquela atitude e que Cafu, em vez de ter abandonado a Seleção, deveria permanecer com o grupo. "Eu não abandonei a Seleção. Fui autorizado a sair. O Luxemburgo disse literalmente: 'Vai. Não tem problema, meu filho'", disse na época o jogador, que chegou a convocar uma entrevista coletiva para se explicar. "Tenho dez anos de Seleção e a minha imagem ficou arranhada. Acho que foi um modo que eles encontraram para aliviar a derrota para o Paraguai, transferindo a responsabilidade." Uma visita de Cafu ao hotel da Seleção, no dia do jogo com a Argentina, serviu para colocar panos quentes no episódio.

Com Leão, que substituiu Luxemburgo, o jogador também enfrentou momentos de crise. Cafu ficou de fora das duas últimas convocações para jogos das Eliminatórias feitas pelo técnico-relâmpago da Seleção. Na derrota por 1 x 0 para o Equador, em Quito, Leão deu a desculpa de que estava poupando o lateral. Na partida seguinte, empate de 1 x 1 com o Peru em pleno Morumbi, o técnico nem explicação deu.

A dúvida se a hegemonia de Cafu na Seleção Brasileira havia realmente acabado só foi esclarecida quanto Leão também caiu e Felipão pintou como o salvador da pátria, devolvendo a camisa amarela de número 2 para quem nunca deveria tê-la perdido. Belletti, Evanílson e até Alessandro, do Atlético Paranaense, tiveram suas chances e não conseguiram ameaçar o velho titular. Pior que isso, quase acabaram se queimando ainda mais pois após tantas experiências frustradas na posição, muitos passaram a sustentar a idéia de que Scolari até deveria deixar em branco a vaga de lateral-direito reserva na lista de convocados para a próxima Copa. Numa das tentativas de defender os eternos candidatos a sombra de Cafu, o São-paulino Belletti chegou a declarar: "A época dele vai acabar um dia e vai precisar de alguém para substitui-lo." Parece que esse dia ainda vai demorar um bom tempo para chegar.

MARCOS EVANGELISTA DE MORAES		
Posição: Lateral-direito		**NA SELEÇÃO: 107 jogos / 5 gols**
Nascido em: São Paulo (SP), em 19/6/70		**Por que ganhou a vaga:** Em primeiro lugar, pela absoluta falta de um concorrente que tenha conseguido se destacar. Além disso, voltou a jogar muito bem pela Roma após um mau início na temporada 2001-2002
Altura: 1,73 m	**Peso:** 73 kg	
Clubes: São Paulo (89-94), Zaragoza-ESP (95), Juventude (95), Palmeiras (95-97) e Roma-ITA (desde 97)		

Um volante que marca com segurança e faz gols virou o pesadelo de Vampeta

EUGÊNIO SÁVIO

O COME QUIETO

O volante mineiro chegou como quem não queria nada na Seleção e, de mansinho, conseguiu o que parecia impossível: barrou Vampeta e ganhou a preferência de Felipão

Gilberto Silva é mineiro de Lagoa da Prata, a 216 km de Belo Horizonte. Como todo bom mineiro, chegou bem de mansinho à Seleção Brasileira no final das Eliminatórias. Convocado pela primeira vez por Felipão para o decisivo jogo contra a Bolívia, em La Paz, entrou no meio do segundo tempo no lugar de Vampeta. Foi uma cena cheia de simbolismos. Hoje, enquanto ele prepara o passaporte de viagem, Vampeta, que era o volante titular absoluto da Seleção, já começa a se conformar em ver a Copa pela TV.

Em apenas cinco partidas pela Seleção, Gilberto Silva já conseguiu marcar mais gols que o outrora intocável Vampeta em 37: três contra dois. Tudo bem, a função primordial de um volante, ainda mais num time armado por Scolari, não é ir à frente para fazer gols, mas eles podem abençoadamente ajudar a furar uma furiosa retranca, obstáculo que o Brasil certamente irá encontrar na Copa.

Se mesmo após os três gols que Gilberto fez nos amistosos contra Bolívia e Islândia muita gente ainda tem dúvidas se a troca feita por Felipão valeu a pena, outras pessoas já foram convencidos pelo futebol técnico e seguro do volante do Atlético Mineiro há tempos. "Ele se distingue porque desafia o futebol brucutu, é um volante que sabe sair para o jogo e ainda finaliza bem", diz Tostão, um dos primeiros a defender a convocação do jogador, quando ele andava comendo a bola no Galo no Campeonato Brasileiro de 2001. Quando a convocação pintou pela primeira vez, em outubro do ano passado, Gilberto Silva encarou a chance de estar no grupo com seriedade e não deixou mais as listas seguintes.

E se há uma coisa da qual ninguém pode acusar o volante é de falta de seriedade. O jogador fala pouco, mede as palavras e não é muito chegado às brincadeiras. Característica que mostra com a bola nos pés, mas que também é reflexo de alguém que desde cedo aprendeu a encarar responsabilidade. Único filho homem de seu Nísio, siderúrgico aposentado, e de dona Maria Isabel, Gilberto achou que jogando bola poderia melhorar a situação da família. Por isso deixou a pequena Lagoa da Prata para fazer um teste no América Mineiro, em 1993, quando tinha 17 anos. A aprovação foi imediata, mas, semanas depois, ele decidiu retornar à cidade natal. No América, recebia apenas uma pequena ajuda de custo e, como precisava colaborar no orçamento de casa, trocou o clube e o futuro promissor por um emprego numa fábrica de balas, onde recebia pouco mais de um salário mínimo.

Convencido por amigos, e com a situação da família um pouco melhor, retornou ao América em 1996. Já estava com 20 anos e logo começou a treinar junto com os profissionais. No ano seguinte, participou do grupo que conquistou a Série B do Campeonato Brasileiro. "Naquela campanha, eu entrei em quase todas as partidas", diz o jogador. O futebol era o mesmo de hoje, mas o salário ainda era pequeno. Gilberto pegava carona com companheiros para comprar um lanche ou um refrigerante com o vale-transporte.

A situação mudou a partir da ida para o Atlético Mineiro no final de 1999. O volante até poderia ter conseguido uma maior visibilidade e tirado o sono de Vampeta antes, mas foi prejudicado por uma fratura por estresse na tíbia direita. O problema apareceu pela primeira vez no início da Copa João Havelange, em agosto de 2000, num jogo contra o Atlético Paranaense. Quando se recuperou, dois meses depois, bateu com o carro quando se dirigia para o clube, machucou-se levemente e teve que adiar o retorno. No início do ano passado, participou de quatro jogos da Copa Sul-Minas, mas, em outra onda de má sorte, voltou a sentir a lesão na tíbia num treinamento — antes de uma partida contra o mesmo Atlético Paranaense. "Esse time me traz azar", diz, esboçando um raríssimo sorriso. A volta definitiva acabou só ocorrendo durante as semifinais do Campeonato Mineiro de 2001.

Os meses de estaleiro serviram para o volante mudar um pouco o estilo de vida, antes totalmente restrita aos gramados. Incentivado pelas irmãs Jane e Jucélia, afeiçoou-se à leitura e hoje diz ser um freqüentador assíduo das livrarias da capital mineira. A predileção é por livros de auto-ajuda, como "Quem Mexeu no Meu Queijo?", de Spencer N. Johnson, e "A Revolução dos Campeões", de Roberto T. Shinyashiki, mas já é um começo. Também se matriculou num supletivo para terminar o segundo grau e, por fim, comprou um violão para ter aulas com a irmã Jane.

Mas seu papo favorito continua sendo sobre futebol, principalmente a sempre acirrada discussão sobre os volantes de hoje: "Na cabeça de muitos jogadores da posição, o volante tem que ser apenas um destruidor de jogadas e ladrão de bola. Sempre procurei um diferencial. Por isso alongo os treinos por mais de uma hora só com fundamentos." Talvez esse tenha sido um dos segredos de Gilberto Silva para deixar para trás Vampeta, Eduardo Costa, Tinga...

GILBERTO APARECIDO DA SILVA		
Posição: Volante		**NA SELEÇÃO: 5 jogos / 3 gols**
Nascido em: Lagoa da Prata (MG), em 7/10/76		**Por que ganhou a vaga:** Fez um grande Brasileiro pelo Atlético Mineiro, teve sua chance e não desperdiçou. Além disso, foi beneficiado pela queda de rendimento de Vampeta
Altura: 1,84 m	**Peso:** 74 kg	
Clubes: América-MG (96-2000) e Atlético-MG (desde 2000)		

O líder de Felipão reverencia outro treinador: "Sou muito grato ao Zagallo"

JADER DA COCHA

DE RECRUTA A CAPITÃO

Quando foi chamado por Zagallo para substituir Romário na Copa de 98, Emerson era um desconhecido novato. Hoje todos o respeitam como o provável capitão da tropa de Scolari

O prazo final para a inscrição dos jogadores que disputariam a Copa da França era o dia 2 de junho de 1998. Nessa data, a concentração da Seleção Brasileira em Lésigny foi abalada por um terremoto impossível de ser medido pela escala Richter. Romário, com uma lesão muscular na panturrilha da perna direita, havia sido cortado. Para o lugar do atacante e ídolo, o técnico Zagallo anunciou a convocação do meio-campista Emerson, que jogava no Bayer Leverkusen, da Alemanha. O abalo sísmico que começou nas proximidades de Paris logo chegou ao Brasil. Numa pesquisa feita na cidade de São Paulo pelo instituto Datafolha, 62% dos paulistanos afirmaram que nunca tinham ouvido falar do jogador gaúcho revelado pelo Grêmio. "O pessoal dizia: 'O quê? Emerson na vaga do Romário? Alguém está levando bola nisso. Tem jogada de empresário.' Não tinha nada disso. Zagallo bancou mesmo a convocação e eu me senti reforçado, motivado em provar o contrário", diz o jogador, que passou de ilustre desconhecido em 1998 para o posto de capitão da Seleção em 2002.

A bem da verdade, Emerson não era um novato quando Zagallo o chamou para a Copa da França. Ele já havia vestido a camisa amarela e até fizera um golzinho, logo na estréia contra o Equador, num amistoso disputado em setembro de 1997. Mas depois dessa partida, ele só entrou em outros dois jogos antes do mundial, um número realmente modesto para torná-lo conhecido em todo país.

Mas foi durante a Copa da França que Emerson começou a pavimentar o caminho que o levaria à Coréia em 2002. Substituindo Leonardo, entrou em apenas dois jogos: na vitória por 3 x 2 sobre a Dinamarca e no dramático empate em 1 x 1 na semifinal contra a Holanda. Bastou a última aparição, quando mudou a sorte a favor do Brasil na prorrogação, para conquistar o respeito da torcida. "Zagallo apostou em mim. Antes da Copa, surpreendeu ao me convocar para a vaga do Romário e depois confiou em mim num jogo dificílimo contra a Holanda. Sou muito grato a ele."

Após a experiência no mundial, a carreira do jogador deslanchou de vez. Deixou de ser lembrado apenas como o motorzinho que movia o supertime do Grêmio na primeira metade da década de 90 para se transformar num dos mais badalados atletas do futebol alemão. Na temporada 1999/2000, foi eleito o melhor jogador da Bundesliga, atraindo a cobiça de outros clubes europeus. Quem entrou com mais vigor na parada foi a Roma, que pagou quase 18 milhões de dólares para levá-lo à Itália em 2000. Na época, a transferência era recorde no futebol alemão, mesmo assim, o Bayer Leverkusen relutou em liberá-lo até o último minuto.

O que poderia marcar mais um passo à frente na carreira logo se revelou o início de uma maré de azar. Antes mesmo de estrear pela Roma, o volante lesionou o ligamento cruzado anterior do joelho esquerdo e foi para a sala de cirurgia em agosto de 2000. Emerson só vestiria a camisa do clube italiano pela primeira vez no início do ano passado. Ainda em 2001, em setembro, machucaria novamente o mesmo joelho. A seqüência de lesões deu novo gás aos boatos que nasceram assim que o jogador deixou o Grêmio: ele teria deformações ósseas e sérios problemas físicos que abreviariam sua carreira. A antítese dessas especulações é que, aos 26 anos, Emerson caminha firme e forte para a disputa do seu segundo mundial justamente por seu vigor físico e pela sua regularidade.

Outro trunfo que o jogador revelou ao longo das últimas temporadas é a grande versatilidade para executar qualquer função no meio-de-campo. Quando surgiu no Grêmio, atuava como meia, aproveitando-se do bom toque de bola e do chute forte de fora da área. Ao ser convocado pela primeira vez por Zagallo, já cumpria o papel de um segundo volante, devido ao fôlego para ir da defesa ao ataque incansavelmente. Durante a Era Luxemburgo na Seleção Brasileira, virou primeiro volante, graças à eficiência nos desarmes.

No time de Felipão que vai à Copa, a função de Emerson ainda não está muito clara. Se o mineiro Gilberto Silva for fixado como titular, hipótese mais provável, o jogador da Roma deve voltar a atuar como segundo volante. Sem Gilberto, ele atuaria mais atrás, próximo dos zagueiros. Uma coisa ao menos parece certa, a tarja de capitão ficará mesmo no seu braço, o que ficou claro no jogo que garantiu o Brasil na Copa. Após a vitória de 3 x 0 sobre a Venezuela, Emerson, acompanhado de Roberto Carlos, fez questão de comparecer à entrevista coletiva de Scolari para demonstrar publicamente o apoio do grupo de jogadores ao treinador.

O curioso é que Emerson tem um perfil bem diferente de outros líderes famosos que comandaram a Seleção Brasileira em campo, como Bellini, Carlos Alberto Torres ou Dunga. Ele sempre foi meio tímido e desde criança possui um tique bastante incomum para um capitão: "Com o tempo fui perdendo a timidez. Hoje, sou solto, berro, xingo, converso. Até a minha gagueira melhorou bastante..."

EMERSON FERREIRA DA ROSA		
Posição: Volante		**NA SELEÇÃO: 43 jogos / 5 gols**
Nascido em: Pelotas (RS), em 4/4/76		**Por que ganhou a vaga:** Ganhou não só a vaga como a tarja de capitão porque é um jogador extremamente regular e confiável. Além disso, ajudou Felipão a cativar o elenco e virou o braço direito do treinador
Altura: 1,79 m	**Peso:** 74 kg	
Clubes: Grêmio (92-97), Bayer Leverkusen-ALE (97-2000) e Roma-ITA (desde 2000)		

Kaká, com a bandeira do Brasil ao fundo: por enquanto, feitos um para o outro

RICARDO CORRÊA

OS DEZ MANDAMENTOS DE KAKÁ

O novo xodó do futebol brasileiro traçou dez objetivos para sua carreira e já atingiu oito. Tudo isso em menos de 15 meses...

No fim do ano 2000, quando nem titular do time de juniores ele era — e ainda se recuperava de delicada fratura numa vértebra da coluna cervical, fruto de uma acidente em um parque aquático que quase o deixa paraplégico —, Kaká já tinha em mente os seguintes passos para a carreira:

1) Voltar a jogar; 2) Subir para os profissionais do São Paulo; 3) Figurar entre os 25 que fazem parte do elenco durante os campeonatos; 4) Brigar por uma vaga entre os 18 que se concentram para os jogos; 5) Ganhar uma vaga de titular; 6) Jogar o Mundial Sub-20; 7) Ser convocado para a Seleção principal; 8) Jogar na Seleção principal; 9) Disputar a Copa do Mundo; 10)Transferir-se para um grande clube da Itália ou da Espanha.

Pois bem. Em reles quinze meses, o garoto de 20 anos cumpriu oito dos dez mandamentos. Os outros dois parecem ser questão de tempo, principalmente para um fã bem especial. "Kaká não poderá ficar de fora da Copa de 2002, porque é a maior revelação do futebol brasileiro dos últimos tempos. É um jogador diferenciado, que não joga como alguém que sequer tem 20 anos de idade. Ele é excelente, organizando jogadas e finalizando também." Esse foi Carlos Alberto Parreira, campeão do mundo em 1994.

O atual técnico da Seleção, Luiz Felipe Scolari, até mesmo pelo estilo, não é tão entusiasta nos elogios, mas também rendeu-se ao talento de Kaká e foi obrigado a abrir uma vaga no meio-campo da Seleção, que já parecia fechado para o Mundial. Mais que com o futebol, Felipão ficou impressionado com a personalidade do novato.

"Fiquei todo empolgado com as declarações do Parreira, pelo profissional respeitadíssimo que ele é. Mas logo caí na minha. Não posso me contentar com isso." Ao ler essa frase de Kaká, você pode encontrar a explicação para a ascensão meteórica que ele teve no futebol.

Ele não se contenta facilmente com nada. Traça os seus tais objetivos e vai atingindo-os numa velocidade impressionante, tamanha a sua obsessão.

Seu talento com a bola nos pés é proporcional ao preparo emocional (e educacional), que o faz transpor as barreiras, como a do acidente que quase o impossibilitou de praticar esporte. "Eu estou preparado psicologicamente para disputar uma Copa como titular e também para jogar fora do país, se for necessário", diz, quando perguntado sobre as metas seguintes.

De onde vem tanto controle, Kaká? "Essa confiança vem de Jesus, da minha fé." É. Kaká pode ser considerado mais um dos "Atletas de Cristo". Quem repara no autógrafo dele, na pulseira, na comemoração dos gols ou até no recado da secretária eletrônica do seu telefone celular, encontra as palavras "Jesus" ou "Deus". Além disso, ele contribui com 10% do salário todo mês para a Igreja Renascer, no Cambuci, em São Paulo. "Nunca me fez falta. Deus me dá muito mais. Abre as janelas do céu para quem contribui com ele."

Mesmo com o discurso, não fala de religião a cada frase numa entrevista nem tenta converter colegas ou algo do tipo. Não usa a religião como marketing. "Eu já nasci num lar evangélico. Meus pais já eram evangélicos."

Kaká vive com os pais num apartamento confortável a poucos minutos do estádio do Morumbi. Completou o segundo grau e é um rapaz estruturado. Não depende da bola para viver. Com sua maneira simples de ser, e com seu sorriso permanente — "É o meu cartão de visitas"—, cativa todos. Torcedores, fãs, funcionários do clube, colegas... É o campeão de cartas no clube. Chega a receber 20 por dia, quase todas de mulheres. Ainda procura responder todas.

Já recebeu cantadas de tudo quanto é tipo. "Uma vez, uma fã me pediu minha cueca no vestiário. Fiquei todo sem graça, fingi que não ouvi. Mas, em geral, procuro perguntar o nome, olhar no rosto, para quebrar aquela distância entre ídolo e fã", diz ele, que garante não ter namorada no momento.

Com os colegas, o comportamento também é humilde. Nos tempos de juniores, costumava levar os que vinham de outros estados para almoçar ou dormir na sua casa. "Talvez por isso nunca tenha sofrido preconceito por pertencer a outra classe social." Fora do campo, gosta de ir ao cinema, churrascarias e de jogar vídeogame. É vaidoso — se veste com "uma calça fashion, uma camisa de tricô, um sapato..." —, mas não tem vergonha de usar óculos fora de campo; tem dois graus de miopia.

Em 15 meses como profissional, Kaká já conquistou oito dos seus dez objetivos e aumentou consideravelmente sua conta bancária. Nesse período, teve nada menos que quatro aumentos. Saltou de 700 reais de ajuda de custo para 80 mil mensais, na última renovação de contrato com o São Paulo, que agora dura até 2005. "Isso não quer dizer que eu fique até lá. Sei da situação do futebol brasileiro e se o São Paulo precisar me vender depois da Copa estarei preparado." Seria o décimo e derradeiro objetivo. Mas Kaká já avisa: troca este por um outro: ser campeão do mundo no Japão e na Coréia.

RICARDO IZECSON SANTOS LEITE (KAKÁ)		
Posição: Meia		**NA SELEÇÃO: 2 jogos / 1 gol**
Nascido em: Brasília (DF), em 15/5/82		**Por que ganhou a vaga:** Maior revelação do futebol brasileiro nos últimos dois anos, virou sensação e unanimidade nacional
Altura: 1,83 m	**Peso:** 77 kg	
Clubes: São Paulo (desde 2001)		

No meio ou no ataque? A dúvida persiste, mas do time Rivaldo não sai

ROSANE MARINHO

O HOMEM CERTO NO LUGAR ERRADO

Achar pessoas que questionem o talento de Rivaldo é tão difícil quanto encontrar aqueles que estejam satisfeitos com o desempenho dele na Seleção

Uma das coisas que mais aborrecem Rivaldo é o velho papo de que na Seleção Brasileira ele não rende o mesmo que no Barcelona. Seu argumento contra isso é simples e desconcertante: ele também joga mal pelo Barça. Poucos vêem, é verdade, pois nos gols da rodada só aparecem os lampejos de craque do meia. Nunca são mostrados os passes errados e as bolas perdidas no meio-campo que tanto irritam os torcedores brasileiros quando ele está vestido de amarelo. "Estou muito cansado disso. É que não vêem o que se passa lá, mas às vezes jogo mal também, sou criticado. Não dá para manter o alto nível em todas as partidas. Mas sou um jogador que pode decidir a qualquer momento", diz Rivaldo.

Se dependesse exclusivamente da vontade dele, melhor seria trabalhar no ostracismo, sem elogios nem contestações. O meia do Barcelona não fica à vontade com o assédio e a pressão que recebe na Seleção, as entrevistas parecem ser um martírio por conta de sua timidez. Boa parte desse assédio se deve ao fato de que, após o declínio na carreira de Romário e as seguidas contusões de Ronaldo, sobrou para Rivaldo o papel de craque brasileiro. Quando chegou ao Barcelona, justamente para substituir o Fenômeno, negociado com a Internazionale de Milão, ele enfrentou o mesmo desafio. E deu conta. A torcida ficou desconfiada na apresentação do meia, que, tímido e caladão, limitou-se a dizer que não aceitava comparações. Em apenas 60 dias, porém, poucos se lembravam de Ronaldo. Em três meses, Rivaldo já era artilheiro do time. Em oito, estava consagrado: marcou 21 gols na temporada 1997/98 e liderou o Barcelona na conquista do Campeonato Espanhol, feito que o Fenômeno não conseguiu enquanto esteve no Nou Camp.

Em 1999, seria eleito pela Fifa o melhor jogador do mundo, superando o inglês Beckham e o argentino Batistuta. Isso sem precisar usar de marketing pessoal, bajular jornalistas, freqüentar festas ou namorar mulheres famosas para superar rivais mais badalados. O prêmio da Fifa veio no ano em que Rivaldo novamente foi comandante e artilheiro do Barcelona na conquista do bicampeonato espanhol. Na Seleção o meia também faturaria um bi em 1999, o da Copa América, onde foi o maior destaque do time.

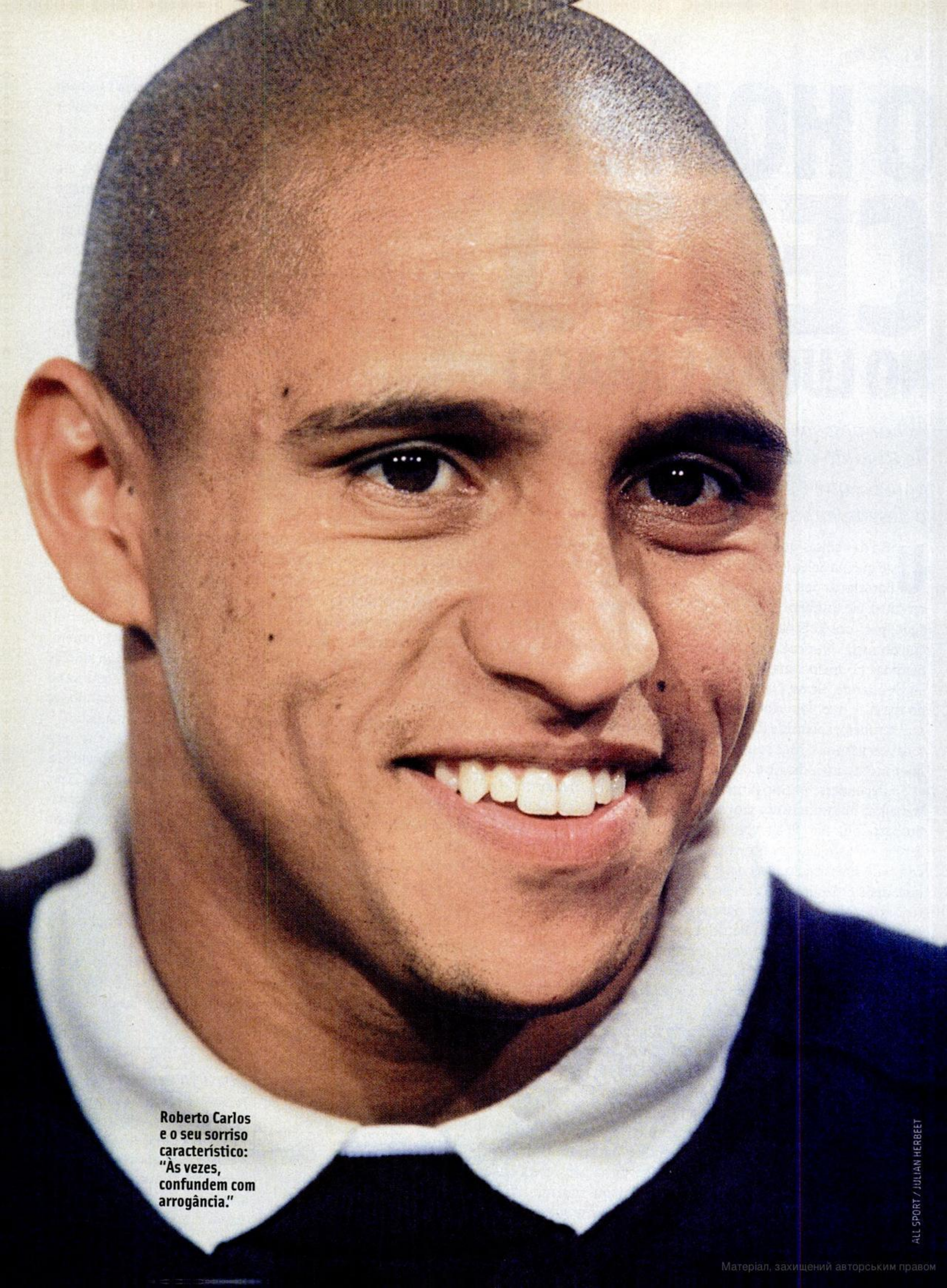
Era o ápice de uma trajetória iniciada em 1991, quando o pernambucano Rivaldo Victor Borba Ferreira despontou no Santa Cruz. Um ano depois, ele fez um excelente Campeonato Paulista pelo Mogi Mirim, o que acabou rendendo a oportunidade de um empréstimo para o Corinthians na temporada seguinte. Em 1994, o Palmeiras deu uma rasteira no rival e levou o meia para o Parque Antártica. Foi o começo da extraordinária valorização do jogador. O Palmeiras pagou 2,4 milhões de dólares por ele. Quatro anos depois, vendeu-o ao La Coruña por 9 milhões de dólares. O Barcelona, por sua vez, desembolsou 29,6 milhões de dólares em 1997. Hoje por menos de 50 milhões ele não deixa o Nou Camp.

Na Seleção, no entanto, Rivaldo só tem se desvalorizado desde a sensacional exibição num amistoso contra a Argentina em Porto Alegre em 1999. Na vitória de 4 x 2 do Brasil, ele fez três gols e agradou a todos, mas por pouco tempo. Nas Eliminatórias voltou a freqüentar a lista de negra de muitos torcedores e jornalistas. "Na Seleção você chega direto para jogar, se for mal, te crucificam. Nem sempre as coisas acontecem da maneira que a gente quer", diz, rebatendo as velhas críticas que recebe desde as Olimpíadas de Atlanta em 1996: quando aparece no meio-campo, costuma prender demais a bola e propiciar perigosos contra-ataques para os adversários; quando se manda para frente, participa pouco do jogo.

Desses defeitos todos lembram, poucos recordam, porém, que Rivaldo foi artilheiro do Brasil nas Eliminatórias (ao lado de Romário) com oito gols e que decidiu jogos importantes, como na vitória por 3 x 2 sobre o Equador, no Morumbi, quando fez dois dos gols brasileiros sem ligar para as vaias dos paulistas.

É por isso que, entra técnico, sai técnico da Seleção e o meia do Barcelona continua no time. Até aí, nenhuma novidade. Qualquer treinador do planeta conta com Rivaldo para a Copa, inclusive Luiz Felipe Scolari. O desafio é saber como posicioná-lo em campo para extrair o que ele tem de melhor, a precisão nos chutes, os dribles em direção ao gol e um certo faro de artilheiro. Como armador da equipe, ele deixa a desejar por não ser o jogador cerebral que a função exige e por prender a bola em demasia. Como atacante fixo é marcado com facilidade.

Felipão pode estar perto de encontrar a solução final para o dilema ao colocá-lo ao lado de Ronaldinho Gaúcho, com ambos se revezando em várias funções durante o jogo. Não definir um único lugar em campo talvez seja o melhor jeito de não errar mais ao colocar Rivaldo no time. Porque, apesar das críticas, ele é o homem certo. Ah, isso é.

RIVALDO VITO BORBA FERREIRA		
Posição: Meia		**NA SELEÇÃO: 62 jogos / 31 gols**
Nascido em: Recife (PE), em 19/4/72		**Por que ganhou a vaga:** É um grande craque e, portanto, desde sempre tem um lugar cativo na Seleção. Além do mais, Rivaldo não tem culpa de jogar mal pelo Brasil se nenhum treinador ainda conseguiu encaixá-lo corretamente no time
Altura: 1,86 m	**Peso:** 75 kg	
Clubes: Santa Cruz (91), Mogi Mirim-SP (92-93), Corinthians (93-94), Palmeiras (94-96), La Coruña-ESP (96-97) e Barcelona-ESP (desde 97)		

Roberto Carlos e o seu sorriso característico: "Às vezes, confundem com arrogância."

ALL SPORT / JULIAN HERBEET

ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM...

No Brasil, criou-se o mito de que há um lateral-esquerdo craque a cada esquina. Mas ninguém consegue desbancar o polêmico e eficiente Roberto Carlos. Por que será?

Qual a posição mais concorrida do futebol brasileiro? Roberto Carlos não titubearia em dizer: "a lateral esquerda". Também pudera. Desde o fim da Copa do Mundo de 1998, na França, quando passou a ser criticado por todos os cantos do país, pelo menos dez concorrentes foram testados na sua vaga na Seleção Brasileira (Felipe, Serginho, Athirson, Dedê, Fábio Aurélio, Silvinho, Júnior, César, Paulo César e Kléber). O máximo que eles conseguiram, porém, foi relativizar a resposta do jogador do Real Madrid e a teórica briga acirrada pela camisa 6. A disputa entre eles permanece sendo apenas pelo posto de reserva do "homem".

Mas por que ele não consegue ser unanimidade popular? Vamos tentar explicar... Depois da discretíssima participação no Mundial da França, de várias declarações infelizes e das desavenças com as duas maiores estrelas do futebol brasileiro, Romário e Ronaldo, Roberto Carlos — que insiste em desmentir esses arranca-rabos — caiu em desgraça com o torcedor. "Ficou a imagem de mascarado, mas ele é apenas um garotão extrovertido, brincalhão. Fala um pouco demais, mas não é por maldade", diz o técnico Candinho, que comandou Roberto Carlos na Seleção. Felipão, o atual treinador, tem a mesma opinião. "Fizeram uma imagem dele fora de campo, de mascarado, que não corresponde à realidade. É um coração espetacular. As coisas boas que ele faz fora de campo, pouca gente sabe."

"Não sei quando isso (a pecha de mascarado) começou, mas sei de minhas qualidades e meus defeitos. Acho que muitas vezes posso ter sido mal interpretado. Já houve situações em que dei um sorriso de alegria, que foi visto como arrogância."

Uma coisa é certa. Na Europa, onde reina no tradicionalíssimo Real Madrid, ninguém discute Roberto Carlos, nem o futebol nem o comportamento. "Na Europa, sou reconhecido por ter raça, por ser determinado. Acho que no Brasil, por ser o país do futebol, os torcedores, a opinião pública em geral, é tradicionalmente mais crítica."

Ele admite, porém, que vem jogando — ou sempre jogou — melhor no clube que na Seleção. "No clube, você trabalha diariamente com a mesma equipe, com o mesmo técnico, conhece a característica de cada companheiro. O trabalho diário leva a uma afinidade, a um conjunto. Na Seleção, temos pouco tempo para treinar, nos reunimos para disputar um jogo e depois o grupo se dissolve. Isso dificulta."

Tudo bem. Mas isso foi e é insuficiente para ameaçá-lo como o dono da camisa 6 brasileira. Enquanto os demais rivais oscilaram e ainda oscilam, Roberto Carlos... "Não invento jogadas, sou aplicado e tenho disposição. Sei que não me destaco propriamente pela minha qualidade técnica, pela minha habilidade, mas conto com minha experiência ao longos desses anos", afirma, humilde.

Os concorrentes parecem conformados. "Ele já está há muito tempo na Europa, já é consagrado e merece essa condição. Não é de uma hora para outra que um jogador se destaca assim. É um trabalho de muito tempo", diz Athirson. "O Roberto vem rendendo bem no clube e na Seleção. Eu sei que, se alguém entrasse, iria se dar bem. Mas como tomar a posição no atual momento?", afirma Serginho, do Milan.

Alguns ainda nutrem esperança. "Não estou brigando pela segunda vaga da lateral esquerda, mas pela primeira. Sei do que posso fazer", diz Júnior. "O Roberto Carlos é muito respeitado porque joga numa grande equipe, tem títulos importantes por ela e uma história na Seleção. Mas não chegamos ao nível dele também por falta de oportunidade e seqüência de jogos. Não acho impossível substituí-lo. Basta uma má fase dele. Aí quem ocupar o lugar, vai ocupar bem", afirma Fábio Aurélio, do Valencia. Será?

Aos 29 anos, Roberto Carlos, além de uma Copa do Mundo nas costas, tem 99 convocações e 87 partidas pela Seleção Brasileira. Um currículo invejável. Se o Brasil viveu a era Júnior nos anos 80, vive a era Roberto Carlos agora.

"O fato é que não tem ninguém que reúna, com equilíbrio, todas as características dele: marcação, ataque, chute poderoso. Além disso, toda vez que está em dificuldade na Seleção, ele consegue se reerguer no Real Madrid. Ele chama a responsabilidade." Palavra de Júnior.

Para o jornalista italiano Marco Zunino, do *Anuario del Calcio Mondiale*, o único lateral-esquerdo brasileiro que pode um dia, que sabe, chegar ao nível de Roberto Carlos, apesar das diferenças técnicas e físicas, é Athirson, hoje no Flamengo. "Silvinho é normal; Serginho é mais um meio-campista e não tem nível internacional; Júnior agora vai bem no Parma e pode ser um bom reserva", analisa.

É mais ou menos por aí. Roberto Carlos talvez não marque como Silvinho, não apóie como Serginho ou César, não arranque para o ataque como Athirson, não tenha a habilidade de Felipe e não arme jogadas como Júnior. Mas faz de tudo um pouco; e bem. Alguém discorda?

ROBERTO CARLOS	
Posição: Lateral-esquerdo	**NA SELEÇÃO: 87 jogos / 5 gols**
Nascido em: Garça (SP), em 10/4/73	**Por que ganhou a vaga:** Apesar de não gozar de tanto prestígio no Brasil, é uma unanimidade no mundo todo. Felipão não fechou os olhos para isso
Altura: 1,68 m — **Peso:** 70 kg	
Clubes: União São João (90-92), Palmeiras (93-94), Internazionale-ITA (95-96) e Real Madrid-ESP (desde 1996)	

Ronaldo e a bola pouco se viram nos últimos tempos. Mesmo assim, ele procura os adversários

EDUARDO MONTEIRO

FENÔMENO DE MASSA

Ronaldo contraria a regra de que em Copa do Mundo só entra quem estiver 100%. Felipão e o Brasil inteiro topam ter um craque como ele a meia boca

O vai-não-vai começou já em 20 de maio de 1998. Depois do piripaque da final da Copa e da convulsão, Ronaldo voltaria a jogar futebol? O sim venceu e veio a pergunta seguinte com o início das rateadas nos joelhos: o Fenômeno estaria bem para a Copa de 2002? Bem, eis uma questão que só será respondida em junho, quando a bola rolará para o Brasil na Coréia. Esse vai-não-vai teve tantos capítulos, tantos músculos esticando, tantos médicos dando palpites, tantos votos de confiança de Felipão que ninguém mais agüenta o assunto. Ronaldo Nazário, o maior craque brasileiro dos últimos dez anos, vai ao Mundial mesmo a meia-bomba, só perderá a vaga na última hora se estiver manco. Felipão não disse exatamente isso, mas deu todas as pistas que é por aí.

Mas por que tanto esforço para levar um jogador que — eis uma das poucas certezas em relação a Ronaldo — não estará 100% durante a Copa do Japão e da Coréia? É que Ronaldo é o jogador dos sonhos de todo o técnico. É artilheiro e campeão de assistências. Certa vez o craque Zico definiu para PLACAR o futebol de Ronaldo. "No futebol você tem jogadores que conseguem driblar em velocidade. Outros se apoiam no talento, no toque para passar pelos adversários. O incrível no Ronaldo é que ele consegue combinar a sua habilidade com velocidade, vai entortando os zagueiros na corrida. Basta lembrar daquele gol que ele fez pelo Barcelona driblando o time inteiro adversário a partir do meio campo. Não há no mundo um outro jogador que consiga fazer isso", disse Zico.

Ronaldo assusta os zagueiros adversários com a fama, sem que precise bancar o astro com os companheiros. Uma estrela solidária, coisa rara. A sua simples presença em campo relaxa os companheiros que ficam com a responsabilidade amainada. E é bom moço, não arma encrencas como grandes craques costumam armar. Felipão baba por Ronaldo, por isso a paciência sem fim. "Eu preciso acreditar na volta dele. Os colegas, também. Ele tem aquela imagem de quem pode decidir o jogo a qualquer momento, além de um carisma do qual nós necessitamos." Ou seja: o técnico convocou o jogador pelo que ele representa; não pelo que ele pode desempenhar em campo nesse momento.

Ronaldo ficou 17 meses sem disputar partidas oficiais, depois de ter estourado o joelho. Jogou reles 30 minutos contra o Brasov, da Romênia, pela Copa da Uefa, e Felipão o chamou no dia seguinte. Há dois anos, o atacante não era convocado; prazo que, se superado, permitiria à Nike romper o patrocínio com ele (atitude um tanto estúpida para quem passou dois anos pagando e, bem na hora da volta, largaria o patrocinado...).

O contrato, é claro, não foi rompido. O Fenômeno voltou na vitória contra a Iugoslávia em Fortaleza. Não marcou, jogou apenas 45 minutos. Bufou tanto quanto um jogador na saída de um clássico casados x solteiros. E Ronaldo estava bem mais para casados, diga-se de passagem. Mas com a língua de fora Ronaldo pareceu ser mais útil que muitos atacantes no auge da forma. Em Fortaleza ele mostrou que o cérebro continua de craque, como no passado. Os dribles curtos e abusados seguem arquitetados como nos anos 90. Ele mostrou não ter medo do contato com os zagueiros e partiu para cima dos iugoslavos. Em 45 minutos foram três chutes, vários dribles e esperança.

Na pesquisa que PLACAR vem fazendo nas últimas 51 semanas para descobrir a seleção dos sonhos dos torcedores, Ronaldo disparou depois do jogo e deixou o antigo líder Romário comendo poeira. Não só pelo que fez em campo. Com ele no gramado o fardo dos companheiros também foi aliviado. Prova disso foi uma jogada em que Ronaldo hipnotizou a zaga adversária e descobriu o xará gaúcho livre no meio da zaga. O gol da vitória não saiu nesse lance (por ironia teria a assinatura de Luizão, o substituto do atacante da Inter de Milão). Mas também é para isso que servem os megacraques: os marcadores ficam tão vidrados que esquecem de marcar o resto do time.

A última partida de Ronaldo com a camisa amarela antes do jogo contra os iugoslavos havia sido em 9 de outubro de 1999, um empate de 2 x 2 com a Holanda, num amistoso, em Amsterdã. Um abismo de dois anos e meio separaram o último do penúltimo jogo do craque com a camisa da Seleção Brasileira. Os número em geral conspiram contra contra o Fenômeno. A firmeza de Felipão desafia a conspiração dos números. O técnico sabe que não terá o melhor jogador do mundo de 1996/97 e mesmo assim o quer. Sabe que corre riscos de ficar com um jogador a menos durante o Mundial e, mesmo assim, arrisca. Mas qual o exato risco de Ronaldo se machucar?

Outra pergunta sem uma resposta conclusiva. Os médicos que o atendem na Seleção e na Itália dizem que Ronaldo tem tanta chance de sofrer uma contusão no joelho quanto qualquer outro jogador. O perigo não reside exatamente aí. O risco maior seria muscular. Dois anos e meio de contusões, paradas e voltas complicam o desempenho muscular. Os joelhos de Ronaldo exigem uma musculatura impecável nas pernas. E ele estaria muito mais sujeito a distensões do que os outros 735 jogadores que estarão no Japão e na Coréia. Romário não jogou a Copa de 98 porque seus músculos não deixaram. Eis o fantasma nas vidas de Ronaldo, de Felipão e de todos nós.

RONALDO NAZÁRIO DE LIMA

Posição: Atacante
Nascido em: Rio de Janeiro (RJ), em 22/9/76
Altura: 1,83 m | **Peso:** 79 kg
Clubes: Cruzeiro (93-94), PSV-HOL (94-96), Barcelona-ESP (96-97) e Inter-ITA (desde 97)

NA SELEÇÃO: 59 jogos / 37 gols

Por que ele ganhou a vaga: Porque sua simples presença em campo já assusta as defesas, porque mesmo sem a melhor forma joga muito, porque é uma estrela solidária

Ronaldinho: depois da ascensão e queda, a maturidade. Candidato a craque da copa

JADER DA ROCHA

O MELHOR DOS RONALDOS

O da Inter de Milão segue sendo o Fenômeno, um talento incontestável. Mas o Gaúcho tem tudo para ser o nome brasileiro da Copa de 2002

Zidane, Owen, Verón, Beckham, Figo, Raúl, Del Piero, Crespo. É bem provável que o craque da Copa de 2002 seja um desses senhores, o mundo aposta tudo nesses nomes. O Brasil corre por fora, bem por fora, nessa briga. Rivaldo? Roberto Carlos? Nem o mais Pacheco dos nossos torcedores se arrisca a botar algum dinheiro neles. O melhor de Rivaldo também é o pior de Rivaldo. A bola gruda em seu pé, um fenômeno futebolístico fascinante quando ele resolve driblar a defesa adversária e torturante quando ele não vê o companheiro livre passando ao seu lado. A Roberto Carlos faltam recursos técnicos além do espantoso chute para terminar a Copa como o melhor dos melhores. E para Ronaldo da Inter, que teria tudo para brilhar no Mundial, parecem faltar joelhos, músculos e fôlego.

Mas é possível fazer uma fezinha, sim. PLACAR raspou seus cofres e tentará a sorte com uma aposta brasileira. Nossos preciosos caraminguás vão para Ronaldinho Gaúcho, candidato azarão contra medalhões como Zidane, Owen e o resto da trupe. Ronaldinho Gaúcho, craque da Copa de 2002. O palpite tem, como negar, um jeitão de patriotada, só que ele não é desprovido de lógica. A trajetória do dentucinho permite que se aposte nele. Ao contrário de Zidane, que já chegou ao topo do mundo em 1998, Ronaldinho Gaúcho está devendo. Precisa provar, sobretudo para ele mesmo, que é um fora-de-série. Começou como um fenômeno irresistível em 1999. Quem lembra disso? O Brasil inteiro se divertiu com um chapéu que ele deu no capitão do tetra Dunga em plena decisão de Campeonato Gaúcho. Dias depois recebeu sua primeira convocação de Vanderlei Luxemburgo. E retribuiu logo em seguida, com outro chapéu e com um golaço contra a Venezuela.

A ascensão meteórica continuou em 1999 e 2000. A camisa amarela da Seleção parecia a extensão de seu corpo. Em 23 jogos, marcou dez gols. No Grêmio, carregava o time nas costas a ponto de chegar às semifinais do Brasileiro de 2000. Muito para uma equipe tão limitada. Ronaldinho pavimentava a estrada que o levaria à Copa até que veio o acidente. Não foi joelho, inflamação de púbis, desastre automobilístico. Foi erro de avaliação misturado com ingenuidade. Ronaldinho acreditou na Lei do Passe, achou-se dono do próprio nariz. Se pretendia jogar no futebol europeu, por que não negociar diretamente com o Paris Saint-Germain? Assim começou o calvário.

O PSG fez sua parte e tentou adquirir um grande talento desembolsando muito pouco. O Grêmio defendeu o seu e procurou todas as alternativas jurídicas para proteger um patrimônio tão valioso quanto o próprio Estádio Olímpico. A lei era nebulosa, o negócio acontecia justamente na virada do velho regime (escravocrata) para o novo regime (abolicionista).

Enquanto Grêmio e PSG se engalfinhavam pelos tribunais do planeta, o craque apenas treinava e jogava videogame. Virou judas no Sul, de uma hora para a outra sentiu-se como um Bin Laden que saía das cavernas do Afeganistão diretamente para o Times Square em Nova York. Perdeu o chão. Ficou dois meses no desvio e foi relacionado por Emerson Leão para enfrentar o Equador pelas Eliminatórias. Não jogou nada, cedeu o lugar para Euller e viu o Brasil perder. Mais ócio. No total, sete meses sem um jogo oficial. Apenas em agosto de 2001 voltou aos gramados, um tanto hesitante. Sem confiança, ele não jogava no PSG 50% do que sabia. Felipão até o chamou e logo viu que aquele rapaz não era o Ronaldinho Gaúcho de 2000. E olha que o Brasil estava uma baba, qualquer um jogava naquele time.

A virada começou na França. Ronny, como é chamado em Paris, foi conquistando espaço no PSG, arriscando seus dribles e arrancadas. Passou a marcar gols de falta, virou batedor de escanteios, de repente já era ídolo. Poucos no Brasil acompanha o campeonato francês, o Sportv passa um ou outro jogo do PSG. Felipão viu alguma coisa e o chamou para o decisivo amistoso contra a Iugoslávia. Hora de mostrar qual Ronaldinho tinha viajado até Fortaleza, o do exílio do primeiro semestre de 2001 ou o jogador vibrante do Campeonato Francês.

A resposta veio já nos primeiros minutos. Os toques rápidos e dribles humilhantes lembravam aquele dentuço abusado que ousou humilhar nosso capitão do tetra em 1999. Mas as divididas fortes revelavam um outro jogador, mais europeu, *très phisique*, como costumam dizer os franceses. Em menos de 90 minutos, Ronny mostrava ao Brasil que podia fazer o trabalho do meia que encosta nos atacantes, a teórica função de Rivaldo. Em menos de 90 minutos, ele avisava ao mundo e a Zidane, Owen e companhia que queria brigar pela honraria de ser o melhor da Copa 2002.

RONALDINHO GAÚCHO		
Posição: Meia-Atacante		**NA SELEÇÃO: 23 jogos / 10 gols**
Nascido em: Porto Alegre (RS), em 21/3/80		**Por que ganhou a vaga:** Voltou a jogar bola na França e mostrou a Felipão que pode ser o meia-atacante perfeito para auxiliar o ataque
Altura: 1,76 m	**Peso:** 71 kg	
Clubes: Grêmio (99-2000) e Paris Saint-Germain (desde 2001)		

Após a má passagem pelo Milan, Dida voltou ao velho banco da Seleção

RENATO PIZZUTI

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Em 1998, Dida só completou o grupo da Seleção na Copa, mas já era nome certo para assumir a camisa 1 em 2002. Agora, corre contra a preferência de Felipão por Marcos para não voltar quatro anos no passado

Ele é mesmo um goleiro acima da média. Alto (mede 1,95 m), dono de um ótimo posicionamento e de grande elasticidade. Ainda por cima é um mestre na difícil arte de defender pênaltis, desconcertando os batedores com um olhar concentrado e perturbador. Mas o baiano Nélson Jesus Silva, o Dida, não se especializou apenas em pegar penais. Ele derrubou também vários tabus absurdos. Primeiro, o da maldição dos goleiros negros, originada no dia em que o Brasil, com Barbosa no gol, perdeu a Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai. Depois, a crença de que os goleiros brasileiros não são dignos de confiança. "Vejo nele grandes qualidades. Está no mesmo patamar dos grandes goleiros do mundo", diz o experiente professor Waldir de Moraes, uma das maiores autoridades do país na posição. "Ele leva uma grande vantagem em relação aos goleiros altos de antigamente: como faz parte de uma geração que conviveu com o treinamento específico para posição desde as categorias de base, chegou a profissional com a mesma agilidade de um jogador mais baixo."

Mas essas qualidades não foram suficientes para garantir o que era dado como certo há alguns anos. Após a aposentadoria de Taffarel da Seleção, a camisa de número 1 na Copa de 2002 parecia destinada a Dida. Ele só perdeu o posto porque sua carreira não foi linear como se esperava. Quando estava decolando profissionalmente, deu um passo para trás, embora não admita isso. A trajetória de Dida rumo a camisa 1 começou na Olimpíada de Atlanta em 1996. Apesar de algumas falhas e trombadas nas saídas do gol, não se queimou e passou a freqüentar regularmente a Seleção principal. Em 1998, fez parte do grupo que foi à Copa da França como reserva de Taffarel. Um ano depois, virou titular da Seleção Brasileira na Copa América do Paraguai. Era de se esperar que continuasse no posto até o mundial deste ano. Mas havia um certo Milan no meio do caminho... E muitos dólares, claro, o que não é nada mau.

Ao retornar para Milão no meio de 2000, após um ano emprestado ao Corinthians, Dida trocou o status de uma unanimidade nacional, pelo extraordinário salário de 200 mil dólares mensais. Ele só não esperava que com essa decisão fosse abrir mão de duas coisas: da condição de ídolo da torcida corintiana e, principalmente, da posição de titular do gol do Brasil, que ficou vago. "Queria mostrar que o goleiro brasileiro também pode jogar numa equipe de ponta lá. Não tenho nenhum arrependimento. O Milan foi muito bom para a minha carreira", afirma o jogador. Mas os números revelam que lá Dida não conseguiu mostrar o valor de nossos goleiros. Ele fez apenas sete partidas, uma pelo Campeonato Italiano 2000/2001 e outras seis nas copas européias. Levou alguns frangos desconcertantes que rodaram o mundo. Foi eleito na internet o segundo pior estrangeiro na Itália. Foi suspenso por suspeitas de ter jogado com passaporte falso. Como dizer que tudo isso foi bom na sua vida sem contar os 200 mil dólares de salário? No Brasil, ele era o goleiro mais temido pelos atacantes adversários. No Milan, apenas o camisa 32, reserva do jovem Abbiati, da camisa 1, do veterano Rossi, da 12.

Quem se aproveitou foi o são-paulino Rogério Ceni, que virou titular da Seleção durante a Era Leão, e agora Marcos, dono do pedaço desde a entrada de Felipão. A Dida, por enquanto, está sobrando apenas uma vaga no grupo que vai à Coréia. Ou seja, quatro anos depois, voltou ao mesmo patamar em que estava na Copa da França.

Mas nem essa estagnação na carreira é capaz de tirá-lo do sério. E exatamente por isso ganha pontos junto a Scolari. Sem nunca reclamar, está sempre com a mesma expressão sisuda, imutável. É a "geladeira" em pessoa. Aliás, já virou mito e folclore entre os jornalistas a dificuldade que é levá-lo a um programa de televisão, fazer alguma reportagem mais descontraída. "Não é por nenhuma razão especial. É timidez mesmo, sou tímido demais e não me sinto à vontade para dar entrevista e aparecer falando por aí."

Para quem cobra dele uma maior identificação com algum clube, encerrando o vai-e-vem para Europa iniciado há três anos, Dida responde que não trabalha para ser ídolo de ninguém. Trabalha apenas para ser um grande jogador. Seu ídolo no futebol não é o Rei Pelé. É um companheiro de posição: o antigo rival Taffarel, com quem esteve na Seleção de Zagallo. Dida já admirava o goleiro gaúcho antes de conhecê-lo. Hoje os dois são amigos íntimos, trocam telefonemas de onde quer que estejam. O que mais Dida admira em Taffarel? "Sua simplicidade e discrição, me espelho nele nesse aspecto." E parece que tem se espelhado bem, pois são exatamente essas as qualidades, admiradas por Felipão, que podem garantir ao goleiro corintiano a presença na Copa.

NÉLSON JESUS SILVA		
Posição: Goleiro		**NA SELEÇÃO:**
Nascido em: Irará (BA), em 7/10/73		**49 jogos / 38 gols (sofridos)**
Altura: 1,95 m	Peso: 83 kg	**Por que ganhou a vaga:** É o goleiro com maior experiência de Seleção e também tem um temperamento calmo. Se ficar na reserva de Marcos ou Rogério, não irá chiar
Clubes: Vitória (92-93), Cruzeiro (94-99), Lugano-SUI (99), Corinthians (99-2000 e desde 2001) e Milan (2000-2001)		

Rogério Ceni: chato, perfeccionista, líder, talentoso, batedor de faltas, falastrão... e indispensável

RICARDO CORRÊA

SANTA CHATICE, CENI

Santo milagreiro para os são-paulinos. Chato e perfeccionista para ele mesmo. Arrogante para os desafetos. Esse é Rogério, que penou para recuperar seu espaço na Seleção

No início dos anos 90, cobrir o dia-a-dia do São Paulo implicava num ritual: esperar horas e horas por Telê Santana — sempre o último a deixar o campo — e deixá-lo falar, à vontade, sobre qualquer assunto. Suas frases polêmicas, seu jeito "não-tenho-rabo-preso-com-ninguém" e sua busca pela perfeição sempre rendiam a manchete do dia seguinte, a idolatria dos são-paulinos, a antipatia dos adversários. Hoje, quem desempenha essa função é o goleiro Rogério Ceni, 11 anos de clube.

Numa tentativa de autodefinir-se, Rogério fala a palavra "chato" uma porção de vezes, para explicar seu jeito perfeccionista de ser. É o próprio Telê. As mesmas palavras, a mesma obsessão pela vitórias, a grande quantidade de admiradores, de desafetos... Esses últimos encaram o perfeccionismo e a chatice de Rogério como petulância.

"Quando eu jogava no interior, via as entrevistas do Rogério na TV e vários colegas de time diziam que aquilo era arrogância, máscara. Mas quem convive com ele, mesmo se não gostar do seu jeito, acaba percebendo que ele é companheiro, sincero, tem uma liderança natural e faz tudo pelo bem do time." A declaração é de Alencar, que foi reserva de Rogério no São Paulo nos últimos dois anos.

É isso: Quem vê de longe no mínimo acha que Rogério "fala demais". "Isso pode me atrapalhar em relação aos outros, mas me ajudou muito a me formar como homem. Procuro ser muito honesto, não prejudicar ninguém. Falo o que sinto mesmo. E entre ter a consciência de que as minhas declarações podem me atrapalhar e ficar quieto, eu prefiro sempre expor a minha opinião."

Foi desta maneira que Rogério se queimou com o primeiro treinador que apostou nele como goleiro da Seleção Brasileira: Vanderlei Luxemburgo. Depois de um empate de 2 x 2 da Seleção com o Barcelona, quando falhou duas vezes, Rogério, além de não assumir os erros, mais uma vez falou demais. "Acho que fiz uma boa partida, mas por dois lances isolados ninguém percebeu isso. As bolas poderiam ter escapado das minhas mãos e algum dos nossos zagueiros tirado de cabeça. Mas, infelizmente, saíram dois gols. Foi uma boa atuação e, se não tivesse sofrido esses gols, teria sido uma das melhores atuações de um goleiro nos últimos tempos pela Seleção." Rogério disse isso e repetiu isso para quem perguntasse mesmo no período de geladeira que viveu depois do episódio.

Luxemburgo saiu, veio Leão, e Rogério recuperou o status de titular. Goleiros, líderes, falam o que pensam, põem o dedo na ferida, são vaidosos, preservam ao máximo a vida pessoal e têm mulheres psicólogas. Qualquer semelhança entre os dois... "No futebol brasileiro, quem emite opiniões e discorda da maioria fica tachado como polêmico. É o meu caso e o do Leão."

Pena, para Rogério, que a vida de Leão na CBF tenha durado tão pouco. Luiz Felipe Scolari, o substituto, é um daqueles que implicava, à distância, com o estilo Rogério de ser. Resultado: nova geladeira. O que não se repetiu foi a reação à geladeira. Em nenhum momento, Rogério reclamou do treinador e discutiu suas opções. "Aprendi a falar menos e guardar opiniões."

Para a imprensa, o discurso era sempre o mesmo, para justificar a preferência do treinador por Marcos e Dida: "Goleiro é uma posição de confiança." Palavras calculadas da cá, elogios de lá. "Rogério é uma pessoa equilibrada, tranqüila. Tenho uma boa amizade com ele." Aí foi só esperar as falhas de Marcos e Dida, as palavras a mais que minaram Júlio César e o lobby da imprensa paulista. Ceni retorna à Seleção.

Rogério aprendeu com o tempo, mas não mudou na essência. Ele continua não gostando de críticas, por exemplo. Respeita apenas os comentaristas ex-jogadores. "São pessoas que jogaram futebol, que sabem das dificuldades, dos buracos no gramado, da curva da bola, do sol na cara, dos refletores te atrapalhando", diz. "Gosto muito de ler jornal, mas pulo o caderno de esportes. Já vi muitos repórteres jogando bola no CT do São Paulo e os caras só dão de canela, não sabem dominar uma bola. Como é que podem te dar uma nota? E são esses caras que estão te julgando, direcionando a opinião de 500 mil pessoas. Não posso ser julgado por alguém sem referência."

Mas, às vezes, até as palavras dos ex-jogadores, agora comentaristas, o incomodam. No ano passado, comprou briga com Falcão, que o criticou num jogo da Copa Mercosul. "Falcão foi um dos meus ídolos quando garoto. Hoje, acho ele muito bom comentarista. Agora, se eu estou no gol e não saí é porque achei que era uma bola difícil. Ele, lá em cima da cabine, não pode achar mais do que eu, dentro do gol. Ele me jogou contra 20, 30 pontos de Ibope e isso não é justo."

Esse é Rogério Ceni, o polêmico goleiro-artilheiro (23 gols na carreira), que mora próximo ao estádio do Morumbi, não sai de casa quando o time perde, é casado com Sandra, curte tango e rock, toca guitarra, veste-se de terno, tenta disfarçar o narigão e as entradas no cabelo e quer ser dirigente de futebol quando parar de jogar. Não mexam com ele.

ROGÉRIO CENI	
Posição: Goleiro	**NA SELEÇÃO: 13 jogos / 12 gols***
Nascido em: Pato Branco (PR), em 22/1/73	**Por que ganhou a vaga:** Dida e Marcos andaram falhando. Júlio César falou demais. Além disso, o lobby pelo goleiro em São Paulo era forte...
Altura: 1,88 m — **Peso:** 85 kg	
Clubes: São Paulo (desde 1991)	*Gols sofridos

Edmílson já comeu o pão que o diabo amassou. Hoje, vive tranquilo

ALEXANDRE BATTIBUGLI

PAU PRA TODA OBRA

Edmílson já foi até bóia-fria. Hoje, pode comer caviar na França, onde é ídolo. Tudo por causa do futebol e de sua disposição em desempenhar qualquer papel

Os Gomes de Moraes eram uma família pobre e sofrida que vivia em Taquaritinga, interior de São Paulo. Trabalhando na roça, em condições precárias, a preocupação deles era não passar fome. O pai dirigia o ônibus que transportava os trabalhadores para a lavoura e abusava um pouco do álcool, para desespero da mãe. Edmílson era contador de laranja e torcia para o irmão mais velho dar certo no futebol, para que eles pudessem mudar de vida. "Ele estava tentando a carreira de jogador, mas teve que casar, porque a mulher engravidou, e os papéis se inverteram."

Passou a ser de Edmílson a missão de tirar os Gomes de Moraes daquela situação. Ele até que tinha habilidade com a bola no pé. O problema eram os mais de dois centímetros de diferença entre uma perna e outra, que lhe causam até hoje dores incríveis nas costas.

De Taquaritinga para Jaú, de Jaú para São Paulo. Edmílson estava chegando lá. Desembarcou no São Paulo em 1994, indicado por José Poy. O técnico dos juniores e ex-ídolo do Morumbi, Darío Pereyra, encantou-se com o então volante e profetizou na época: "Ele é muito bom, só que funcionaria melhor como zagueiro". Quem o puxou para os profissionais, no ano seguinte, foi Telê Santana. Depois de nove dias, observando aquele magrelo espigado treinando, Telê já o escalou como titular numa partida contra o Grêmio, pelo Campeonato Brasileiro, barrando nomes consagrados como Alemão e Donizete Oliveira. "Ele se coloca bem, sabe marcar e armar as jogadas, disse o técnico. Tudo isso?

Sim. Edmílson jogou aquela partida como meia. Mas, por todas as qualidades decantadas por Telê, se deu bem também como volante, lateral-direito e zagueiro. A versatilidade que o fez triunfar no futebol e chegar à Seleção — Felipão já disse que pode mudar do sistema 3-5-2 para o 4-4-2 sem precisar fazer qualquer substituição quando Edmílson está jogando — já foi apontada por ele como o principal motivo pelo qual a torcida do São Paulo o perseguia. "Jogando cada vez em uma posição, não conseguia me firmar no time. E os torcedores nunca entenderam isso."

Titular com praticamente todos os treinadores, ele jamais conseguia a mesma empatia com a galera, que não tolerava seus deslizes. Um deles foi um chute irresponsável na canela do árbitro Oscar Roberto Godói, num jogo com o Corinthians, pela semifinal do Brasileiro de 1999. Edmílson foi expulso no primeiro tempo, e o São Paulo foi eliminado com a derrota de 2 x 1. Depois disso, quando seu nome era anunciado pelos autofalantes do Morumbi antes das partidas, só se ouviam palavrões, muitas vaias e os eternos gritos de "Fora, Edmílson!".

Até que, em 2000, desembarcou no clube o técnico Levir Culpi. Como os demais treinadores que dirigiram o São Paulo desde Telê, apostava no futebol de Edmílson, mas sabia que ele era um jogador marcado pela torcida e, desde o chute na canela de Godói, também pelos árbitros. Inteligentemente, fixou-o como zagueiro e transformou-o em capitão do time, para que se sentisse protegido por todos. Edmílson decolou. Foi um dos principais jogadores do time na conquista do Paulista daquele ano e chegou enfim à Seleção. Mais: despertou o interesse de várias equipes do exterior. Primeiro, o Arsenal, da Inglaterra. Depois, o Olympique de Lyon, da França, que ofereceu 10,5 milhões de dólares por um zagueiro!!!

Quando o presidente são-paulino, Paulo Amaral, preparava outro não para os gringos, Edmílson implorou: "Presidente: por favor, me negocie. É a minha independência financeira e a da minha família também." Amaral enfim cedeu. "Não tive outra escolha", afirma, resignado.

Edmílson venceu, triunfou, mas continua o mesmo sujeito pacato de outros tempos. Evangélico fervoroso — daqueles que, de cinco palavras pronunciadas, uma ou duas são Deus ou Jesus —, continua contribuindo religiosamente com 10% de seu salário para a Igreja. Seu próximo desafio é superar o mau retrospecto que tem com a camisa da Seleção. Quando jogou como titular, o time teve um desempenho de assustar: 4 vitórias (Tokyo Verdy, Camarões, Chile e Venezuela), 4 empates e 5 derrotas. Mais um desafio para um homem de fé. Para quem superou tanta coisa para vencer na vida, não parece muito.

EDMÍLSON JOSÉ GOMES MORAES	
Posição: Zagueiro	**NA SELEÇÃO: 13 jogos / nenhum gol**
Nascido em: Taquaritinga (SP), em 10/7/76	**Por que ganhou a vaga:** É versátil, capaz de jogar em várias posições do meio-campo e também da defesa. Além disso, vive um bom momento no futebol francês
Altura: 1,85 m — **Peso:** 70 kg	
Clubes: São Paulo (94-2000) e Lyon-FRA (desde 2000)	

A previsão é de Gamarra: "Ele será o melhor zagueiro do Brasil"

EDUARDO MONTEIRO

NEM O FLAMENGO O DERRUBOU

Para garantir lugar no grupo que vai ao mundial, Juan precisou superar não só outros rivais de posição como também a interminável má fase do rubro-negro

O clima no vôo de volta de Quito, em abril do ano passado, não era dos melhores. A Seleção Brasileira acabara de perder de 1 x 0 para o Equador, pelas Eliminatórias, e o técnico Emerson Leão já pensava nos problemas que teria pela frente. O primeiro que lhe veio à cabeça foi o desfalque do zagueiro Roque Júnior, que havia recebido cartão amarelo e não enfrentaria o Peru, em São Paulo. O treinador comentou com um integrante da comissão técnica que o nome de Juan era o ideal para substituir Roque. O jogador do Flamengo realmente apareceria na lista seguinte, a penúltima de Leão, que, na sua curta passagem pela Seleção, pelo menos pôde se orgulhar de ter revelado o promissor zagueiro.

Felipão também resolveu apostar nele, convencido pelo bom futebol de Juan, que conseguiu superar até mesmo a péssima campanha do rubro-negro carioca no último Campeonato Brasileiro, quando o time rondou a zona do rebaixamento. Scolari gostou tanto do jogador que o manteve no grupo da Copa, mas até hoje ainda não se conforma com uma coisa: "Ele pede que eu fale mais, pois sou muito calado. Ele quer que eu me comunique melhor. Estou tentando", diz o zagueiro, que cultiva o estilo sisudo e de poucas palavras dentro de campo desde os tempos da Seleção Sub-17, quando vestiu pela primeira vez uma camisa amarela.

Juan deve o início precoce numa equipe nacional ao clube que o revelou, o Flamengo, onde chegou quando tinha apenas 11 anos. A primeira convocação para a Sub-17 não chegou a ser uma grande surpresa, pois o técnico da categoria na Gávea, Toninho Barroso, era o mesmo que comandava os meninos da Seleção. Toninho trabalhou durante quase cinco anos com o zagueiro e é eloqüente quando fala do pupilo: "Naquela época ele já mostrava ser diferenciado. Ia bem à frente, além de ter qualidade técnica e boa impulsão."

Da Sub-17 para a Sub-20, foi só questão de tempo. A escalada nas categorias de base da Seleção Brasileira foi percorrida com tamanho sucesso e naturalidade que parecia inevitável a chegada ao degrau final. Algumas semanas antes de Juan ser convocado pela primeira vez por Leão, a mãe do jogador, dona Valdeci, já tinha a certeza: "Ele foi chamado para todas as seleções amadoras, então não chegará a ser uma surpresa quando for chamado para a principal." Corujice de mãe? Pode ser, mas o tempo se encarregou de dizer que dona Valdeci estava toda cheia de razão.

Se a carreira na Seleção começou cedo e sem grandes sobressaltos, curiosamente não dá para dizer o mesmo sobre a subida de Juan no Flamengo. Depois de estourar no juvenil, sendo o vice-artilheiro do time no Campeonato Carioca de 1996, com 13 gols, veio o primeiro percalço. Ainda imaturo, foi promovido diretamente para os profissionais. A meteórica ascensão, porém, não significou grande melhora. Pelo contrário. "A decisão foi apressada", diz Toninho Barroso. "Juan ficou sem jogar e perdeu um pouco de tempo com isso. Quando teve ritmo de jogo, sempre correspondeu." O zagueiro também não gosta muito de lembrar dessa época: "Eu ficava na ansiedade de ser titular. A reserva me desanimava. Quando entrei, não tive uma boa seqüência e o time estava mal. Isso fez com que meu rendimento fosse horrível."

A solução foi dar um passo atrás, voltar para os juniores e ter um pouco de paciência. E o retorno fez bem a ele. "Não cheguei pensando que seria o bonzão." Juan se conscientizou de que precisava conquistar novamente todo o prestígio que adquirira quando era apenas uma revelação. E não tardou muito para isso acontecer. Quando voltou para os profissionais, em 1999, era outro jogador. O paraguaio Gamarra, que jogou com ele dois anos e tem autoridade de sobra para dar seu parecer, comprova: "Tecnicamente falando, ele é o melhor companheiro de zaga que já tive. Tem tudo para se tornar no futuro o melhor zagueiro do Brasil. Marca com precisão e ainda tem técnica de sobra para chegar na frente."

Felipão parece concordar com o paraguaio em relação ao potencial de Juan e por isso conta com ele no seu grupo para Copa. Entretanto, o momento de o rubro-negro assumir o papel de titular da Seleção Brasileira ainda não chegou. Um pouco pela confiança do técnico em jogadores mais rodados, como Lúcio, Roque Júnior e Edmílson. Um pouco por culpa do próprio Juan, que pisou na bola algumas vezes, como no escorregão imperdoável no primeiro gol da Bolívia nos 3 x 1 de La Paz. Mas só o fato de ter driblado outros concorrentes, como Cris, Daniel e Antônio Carlos, e a péssima fase do Flamengo para ir à Coréia já valeu a pena. Afinal, Juan tem 23 anos e ainda terá outras Copas pela frente para confirmar a previsão de Gamarra.

JUAN SILVEIRA DOS SANTOS	
Posição: Zagueiro	**NA SELEÇÃO: 10 jogos / nenhum gol**
Nascido no: Rio de Janeiro, em 1º/2/79	**Por que ganhou a vaga:** Começou mal 2002 e esteve ameaçado de ficar fora da Copa. Mas entre os bicões de Cris ou os desarmes precisos de Juan, Felipão optou pelo segundo
Altura: 1,82 m / **Peso:** 74 kg	
Clube: Flamengo (desde 1996)	

Belletti amansou para garantir vaga na Seleção e nem a reserva no São Paulo prejudicou os seus planos

ALEXANDRE BATTIBUGLI

LIMPANDO A FICHA

Expulsões, coices... Belletti cansou de bater e apanhar dentro e fora de campo. Para mudar a chamuscada imagem e se firmar na Seleção, ele diz que não dá mais pancada. Você acredita?

O jogo entre o clube que o revelou, o Cruzeiro, e o time atual, o São Paulo, no Mineirão, pela Copa João Havelange-2000, tinha tudo para ser mais um daqueles memoráveis na carreira dele. Mas a emoção durou só três minutos. Num lance bobo, próximo ao meio-campo, o atacante Oséas (1,85 m e 83 kg) entrou de sola, com maldade, no joelho direito do lateral são-paulino, que caiu estatelado no chão, urrando de dor, ligamentos comprometidos: 60 dias de molho. Após o jogo, Oséas não demonstrou arrependimento. "Entrei até devagar. Ele tirou o Cléber por um bom tempo do Palmeiras e vai sentir na pele o que isso significa. Agora, ele vai rever as suas entradas."

Ele é Belletti, jogador que carrega pecha de ser um dos mais violentos do país. Belletti ainda não perdoou Oséas, mas decidiu seguir os conselhos do desafeto: reviu as entradas, para voltar a ter chances na Seleção, onde concorre na posição mais escassa de talentos no país. Desde o início de 2001, a sua meta passou a ser não cometer faltas e não tomar cartões. "A minha carreira ficou manchada. Sou conhecido por ser um jogador violento e mudei de atitude para tentar apagar essa imagem."

Mudou, mas ainda tem recaídas. No último Campeonato Brasileiro, contra o Gama, foi acusado de ter quebrado o nariz do adversário Luís Fernando com uma cotovelada. "O Belletti é mau-caráter. Contra ele, tem de ser na base da porrada", disse o goleiro Ronaldo, que defendia o Gama naquela partida. "Ele me acertou por uma rixa antiga, desde os tempos de Cruzeiro." Esse foi Luiz Fernando.

Belletti desconversou: "Nós subimos na bola juntos e acabei acertando ele *(Luiz Fernando)* sem querer. São dois jogadores *(Luiz Fernando e Ronaldo)* que querem criar polêmica por causa do meu passado. Eu não vou dar ouvido a eles. As pessoas sabem que eu mudei."

O lateral responde com números. Nos 41 jogos da temporada passada pelo São Paulo, Belletti tomou míseros cinco amarelos e um vermelho, numa escorregada, segundo ele.

A conclusão de que precisava mudar de imagem veio há dois anos, mas Belletti custou a colocar em prática. E esse é mesmo o estilo dele: a ficha demorar um pouco para cair.

O melhor exemplo é o início da carreira. Belletti demorou anos e anos para se dar conta de que podia ser jogador de futebol. Desde que ele ganhou um teclado, quando tinha 6 anos, achava que seu destino seria a música. "Sempre tive facilidade. Quando ganhei o teclado, consegui tirar minha primeira música *("Chariots of fire", tema do filme Carruagens de fogo)* em apenas uma hora", diz. Hoje, ele toca guitarra, bateria, baixo, órgão... O negócio dele é rock, e do pesado: Nirvana, Metallica... Tem até uma banda, com os irmãos Patrick e Sandro.

Foi Sandro quem introduziu Belletti no futebol. Em 1992, Sandro jogava no juvenil do Cruzeiro e Belletti teve de inventar um teste no clube só para poder ficar hospedado com o irmão durante as férias. "Era goleiro. Fiz o teste, só por fazer, no meio-campo. Passei."

Do juvenil para o júnior; do júnior para o profissional; do profissional para a Seleção de Zagallo, em 1995, com 19 anos. Tudo muito bem, até ele se deparar com uma proposta indecente. Trocar o Cruzeiro pelo São Paulo era o de menos. O problema era a negociação, a famosa cinco por dois. Ele e Serginho vieram para o Morumbi, e Donizete, Aílton, Gilmar, Palhinha e Vítor foram para a Toca de Raposa. "Foi uma barra. Até o frentista do posto me enchia o saco. Quando ia abastecer o carro, ele dizia que eu tinha de correr por cinco."

Pressão, solidão, depressão, transformação. Morando sozinho num apartamento nos Jardins (bairro de classe alta de São Paulo), Belletti caiu nas tentações da megalópole. "Bagunçava muito, tinha atitudes impensadas." Dentro de campo, também. Belletti não conseguia se firmar, colecionava cartões...

Muricy Ramalho, o primeiro técnico a trabalhar com Belletti no São Paulo, que o diga... "Ele sentiu a mudança de cidade e levava o nervosismo todo para dentro de campo. Se ele passava da bola, dava um bico no adversário."

Depois de uma boa passagem pelo Atlético-MG, em 1999, Belletti retornou ao Morumbi regenerado, segundo ele, e se ofereceu para jogar na lateral direita com o técnico Levir Culpi. Lateral direita que ele recusou a ocupar em 1996, na passagem de Carlos Alberto Parreira pelo São Paulo. "Por conselho dos mais velhos e experientes *(leia-se Muller e Válber)*, cometi essa besteira e briguei com o Parreira. Eles me diziam: 'Mas que lateral, que nada. Vai de volante. Você joga muito de volante'. Fui na onda e me arrependi."

Foi na lateral que Belletti voltou à Seleção. Foi convocado por Luxemburgo, Leão e agora Felipão — apesar da oposição dos críticos e de boa parte da torcida, inclusive a são-paulina. Segundo Paulo Paixão, preparador físico da Seleção, Belletti é um "cavalo" — no bom sentido — e tem o melhor condicionamento físico entre os atletas. "O Cafu tem história na Seleção, mas já está na hora de alguém ocupar o seu lugar e dar seqüência", diz Belletti. Confiança, pelo menos, não vai faltar.

JULIANO HAUS BELLETTI

Posição: Lateral-direito	**NA SELEÇÃO: 10 jogos / 1 gol**
Nascido em: Cascavel (PR), em 20/6/76	**Por que ganhou a vaga:** Pesou a falta de concorrentes de peso na posição. Virou reserva no São Paulo, mas nem por isso deixou de ser um dos homens de confiança de Felipão
Altura: 1,74 m / **Peso:** 69 kg	
Clubes: Cruzeiro (94-95), São Paulo (96-99 e desde 2000) e Atlético-MG (99)	

O "Xaropinho" da torcida atleticana: futebol versátil, simples e eficiente

JADER DA ROCHA

SER OU NÃO SER?

Kléberson pode não saber ao certo se é um volante habilidoso ou um meia marcador. Só sabe que com o seu futebol moderno garantiu uma poltrona no vôo para a Coreia do Sul

Um meia que marca forte como um volante ou um volante que sabe sair jogando como um meia? Mais do que uma crise de identidade, esse dilema do ser ou não ser acabou levando Kléberson para a Copa de 2002. O meia (ou seria volante?) do Atlético-PR tem uma técnica apuradíssima e sabe o que fazer com a bola quando rouba dos outros. Bico? De jeito nenhum. Ele é capaz de recuperar a bola, levantar a cabeça, perceber um lateral ou um meia livre lá do outro lado do campo e virar o jogo com perfeição. Com sua vitalidade e explosão muscular, acompanha o desenvolvimento da jogada e, vejam só, costuma fazer gols de fora da área como o marcado contra os bolivianos, no amistoso, em Goiânia.

O meia raçudo e volante bom-de-bola se juntaram em um só jogador. Uma combinação rara que encantou Felipão a ponto de o técnico arriscar a convocação de um garoto de 22 anos nas vésperas da Copa e barrar o corintiano Vampeta, teórico titular da Seleção desde que Luxemburgo assumiu o time.

Kléberson não é de desperdiçar oportunidades, outra característica sua desde novo. Na Copa São Paulo de 1999 mostrou seu talento marcando um gol com um chute de antes da linha do meio de campo.

Além disso, é um dos raros jogadores ambidestros (chuta tão bem com o pé direito como com o esquerdo) do futebol brasileiro. Mas não um desses jogadores que dão toques laterais para quem mais próximo. É preciso em cruzamentos longos com os dois pés. É comum em uma partida do Atlético-PR vê-lo batendo escanteios dos dois lados do campo. Quando a cobrança é na direita, bate com o pé esquerdo, quando tem que ir na esquerda, chuta com o direito. E dos dois lados cobra muito bem, a ponto de ter a prioridade na cobrança.

Um dos poucos a "profetizar" o estouro de Kléberson antes do início do último Brasileiro foi o técnico-comentarista Mário Sérgio. "Kléberson será a grande revelação deste torneio."

Pouca gente prestou atenção. Pois deveriam. A regularidade e a série de qualidades fizeram com que Kléberson liderasse praticamente toda a disputa pela Bola de Ouro de PLACAR no ano passado, prêmio concedido ao jogador com melhor média em todo o Brasileirão. Na reta final, Kléberson foi ultrapassado por seu companheiro de equipe, Alex Mineiro, autor dos gols na partida decisiva. "Caí um pouco de produção na reta final, e o Alex mereceu", disse, na época, conformado.

De qualquer forma, levou ao menos a Bola de Prata como um dos dois melhores meias da competição. Depois das conquistas, Alex Mineiro estacionou. Kléberson, por sua vez, não parou mais de subir.

Outro trunfo importante do meia: a camisa da Seleção parece não pesar em seus ombros. Contra a Bolívia, quando vestiu a imponente número 10, além de marcar o seu, os gols de cabeça de Cris e de Washington saíram de cruzamentos milimétricos seus. Um bom começo para um estreante em Seleções. Como correspondeu, foi ganhando mais oportunidades. Arranca elogios do técnico: "Chega com facilidade na área adversária e cuida bem da marcação". Seria pouco, não fosse uma frase que saiu da boca de Felipão.

"O professor Felipe deixou bem claro com quem ele gosta de trabalhar, e eu vou cumprir as ordens dele, fielmente." Disciplina, disciplina... Antes mesmo da estréia, Felipão já havia dito que o paranaense era muito dinâmico e que, se jogasse na Seleção como fazia pelo Furacão, abriria seu leque de opções para o Mundial.

É o que tem feito. Ainda mais porque ele não é estrela. Longe disso. É combativo, não dá moleza para os adversários e pode faturar até mesmo uma vaga de titular como volante, o que daria maior qualidade à Seleção.

O futebol simples de Kléberson é um reflexo de sua personalidade. O "Xaropinho", apelido dado pelos atleticanos, evita badalações e se contenta com a vida ao lado do pai, da mãe e das duas irmãs. Tanto é verdade que após sua arrebatadora estréia contra a Bolívia (a agência de notícias Reuters o considerou o jogador-chave da partida), pediu um almoço especial para a mãe. O prato preferido foi preparado com todo carinho: um prosaico macarrão à bolonhesa.

Quando foi convocado pela primeira vez, se desconcertou, mostrando mais uma vez a simplicidade que lhe é peculiar. "Não acredito que estou na Seleção Brasileira." Em poucos dias, ele provavelmente dirá "não acredito que estou disputando uma Copa do Mundo" e em seguida, talvez, um "não acredito que virei titular".

Mas, bah, tchê! Não acreditas porque não queres, que futebol tu tens de sobra! Esse poderia ter sido Felipão. Só que o professor, como Kléberson bem sabe, é comedido nos elogios.

JOSÉ KLÉBERSON PEREIRA	
Posição: Meia	**NA SELEÇÃO: 3 jogos / 2 gols**
Nascido em: Uraí (PR), em 19/6/79	**Por que ganhou a vaga:** Se destacou com sua técnica apurada, disposição e preparo físico ao ser campeão brasileiro pelo Atlético-PR. Além disso, não se abalou ao vestir a camisa da Seleção Brasileira
Altura: 1,75 m / **Peso:** 64 kg	
Clubes: Atlético-PR (desde 1999)	

Juninho ainda sorri: mas será que ele suportaria ficar de fora de outra Copa?

RICARDO CORRÊA

COM UM PÉ ATRÁS

Há quatro anos, uma fratura às vésperas da Copa e – apesar da recuperação em tempo recorde – tchau Seleção. O trauma de ser esquecido momentos antes do Mundial se repete agora

Dia 1º de fevereiro de 1998. Juninho passou a mão sobre o tornozelo esquerdo e sentiu algo estranho. Havia uma depressão no lugar. "Foi nesse momento que eu pensei que podia ter quebrado o tornozelo. Algumas horas antes, ele havia deixado o campo depois de sofrer um carrinho por trás, do lateral Michel Salgado, do Celta.

Juninho achava que a pancada no tornozelo não passava de uma torção forte. No avião de volta a Madri, com o gelo não conseguindo aliviar a dor, ele se deparava com aquele buraco na perna. "O que é isso, doutor?", perguntou ao médico do seu clube, o Atlético de Madrid. A resposta definitiva — e trágica — viria só no hospital, com as radiografias: fratura do perônio e rompimento de dois ligamentos do tornozelo. Até ouvir a notícia, Oswaldo Giroldo Júnior, o Juninho, era um nome certo entre os 22 escolhidos do técnico Zagallo para a Copa do Mundo da França.

Durante quatro meses, foi uma luta insana contra o tempo. A dor, o gesso, as muletas, mais de 12 horas de fisioterapia por dia. Juninho venceu em prazo suficiente, mas não o bastante para convencer Zagallo a convocá-lo.

Isso foi há quatro anos, mas as cicatrizes da fratura permanecem. O trauma de ser excluído às vésperas de uma Copa, também. Desta vez, Juninho passou ileso sobre os carrinhos desleais dos adversários. Só que...

Foi convocado por Wanderley Luxemburgo, por Emerson Leão e enfim por Luiz Felipe Scolari. Disputou quase todos os jogos importantes da Seleção Brasileira pós-1998, mas outra vez viu ameaçado o seu sonho de disputar um Mundial momentos antes de seu início.

Desta vez, a culpada é a concorrência, leia-se Kaká, Djalminha e outros jogadores talentosos da sua posição. Escolado, Juninho, mesmo quando era titular absoluto, jamais deu declarações se colocando no grupo definitivo que disputará a Copa do Mundo.

"Você faz planos e aí surge um cara, na mesma posição que você, comendo a bola. Quem você acha que vai para a Copa do Mundo na hora do vamos ver?". Foi o que aconteceu com Kaká agora, não é Juninho? "Já vi muitos casos de gente que surge meses antes da Copa do Mundo e pega a vaga de quem estava na Seleção havia muito tempo. Seleção Brasileira é momento, sempre foi assim. Não mudou agora e creio que não mudará nunca. Serão convocados aqueles que estiverem melhor naquele momento."

Algum problema pessoal com Felipão? "Não. Ele tem até um estilo que lembra um pouco o do Telê", afirma ele, que guarda boas lembranças do tempo em que trabalhou com Telê Santana no São Paulo, de 1993 até 1995. "Eles não são iguais, mas o jeito disciplinador é bem parecido."

Será então que Felipão não aprecia tanto o seu estilo de jogo? "Não vou mudar minha maneira de jogar só para estar sempre no grupo. Não há motivo para que eu altere meu estilo de jogo, isso é algo que vou defender sempre."

Mais uma vez Juninho fez tudo nos últimos quatro anos em função do Mundial. Quando o seu Atlético de Madrid foi rebaixado na Espanha, lutou para voltar ao futebol brasileiro e não sair da vitrine. Abriu mão de bastante dinheiro.

Desembarcou no Vasco e, junto com Juninho Pernambucano, Romário, Euller e companhia, abocanhou vários títulos. O quarteto virou até base da Seleção num determinado momento, quando Candinho assumiu o time interinamente, mas, assim que o barco começou a afundar, Juninho sabiamente saltou fora.

Optou pelo Flamengo, mesmo sem ter tanta garantia que receberia em dia mais uma vez. Acertou com o Flamengo sobretudo pelo fato de o clube estar na Taça Libertadores e pelo supertime que se anunciava. O Mengão não se encontrou e o tiro saiu pela culatra. Na reta final, Juninho perdeu espaço na vitrine e, conseqüentemente, na Seleção Brasileira.

Há quatro anos, na torturante sala de fisioterapia, recuperando-se da fratura, Juninho, aos 24 anos, dizia: "Pode escrever aí: vou disputar o Mundial" — possivelmente sabendo que, se não desse certo, ele teria outra chance na Copa seguinte, no Japão e na Coréia do Sul. Agora, aos 29, não pode mais se dar ao mesmo luxo.

Uma coisa é certa: a fase dos sacrifícios pela camisa amarela vai acabar em julho, com o fim da Copa. Juninho está decidido a não entrar mais em nenhuma barca furada e já mandou avisar que volta ao Atlético de Madrid em agosto, quando possivelmente o time tiver voltado à primeira divisão espanhola. Seleção é bom, mas continuar perdendo dinheiro.... Tudo tem limite, né Juninho?

OSWALDO GIROLDO JÚNIOR (JUNINHO PAULISTA)		
Posição: meia		**NA SELEÇÃO: 45 jogos / 4 gols**
Nascido em: São Paulo (SP), em 22/1/73		**Por que ganhou a vaga:** Esteve sempre nas listas de Felipão e também nas de seus antecessores. É corajoso, tem bastante experiência internacional e um estilo único: parte para cima do marcador em velocidade, driblando
Altura: 1,67 m	**Peso:** 58 kg	
Clubes: Ituano (92-93), São Paulo (93-95), Middlesbrough-ING (95-97 e 99), Atlético de Madrid-ESP (97-99), Vasco (2000-2001) e Flamengo (desde 2002)		

Djalminha não aceita a tese de que não rende na Seleção: "Não tive seqüência"

RICARDO CORREA

DJALMINHA

O CELULAR QUE FUNCIONA

Rebelde, irreverente, ele também é acusado de falhar na hora H. Mas Felipão não ousou abrir mão de um dos mais habilidosos jogadores brasileiros da atualidade

Nos últimos anos, o torcedor acostumou-se com uma divisão bem clara entre os jogadores. Existem os boleiros de fala mansa, que não bebem, não fumam e, em muitos casos, também não jogam. E existem os bandidos, que armam confusão em campo, criam polêmica fora dele e sempre estão levando lambadas dos dirigentes, da imprensa e da torcida. Djalma Feitosa Dias, o Djalminha, obviamente se encaixa melhor no segundo perfil. É o malandro, que faz o show, apronta das suas e se dá bem no final.

O jeito matreiro do Bola de Ouro de PLACAR em 1996 foi formado na convivência com a velha guarda do futebol. Djalminha começou a trilhar o caminho do pai (Djalma Dias, já falecido) acompanhando os jogos do Milionários, time de veteranos que reunia gente como César Maluco, Djalma Santos, Edu e Garrincha. "Eu olhava tudo o que eles faziam", recorda. "Naquela época, só queria saber de futebol." Por isso, prestava atenção em cada detalhe. Da melhor maneira de bater na bola até o tempo exato de dar o bote no zagueiro.

A observação lhe deu a técnica. Em 1987, aos 16 anos, foi convidado para completar um treino da Seleção de Masters, onde jogava seu pai. No meio das feras, foi o destaque do jogo ofuscando até a estrela maior do time: Pelé. "A gente tinha certeza de que ele ia virar craque", garante o ex-ponta-esquerda Edu, titular do Santos nos anos 60.

A história de "vai virar craque" foi se prolongando e, depois de fazer parte de uma geração de ouro nos juniores do Flamengo, Djalminha começou a brigar com a pecha de eterna promessa. Daqueles tempos, ficou a lembrança das noites de balada com o amigo Paulo Nunes. As festas começavam em boates como o Resumo da Ópera, na Lagoa. Muitas vezes, prosseguiam animadas na casa do centroavante Gaúcho, espécie de irmão mais velho da dupla.

Aquelas noitadas não causaram problema a Djalminha porque ele nunca bancou o "mané". Treinava e não brigava com os companheiros. Quer dizer, menos com um: Renato Gaúcho. Num Fla-Flu, em 1993, quase saiu no braço com o atacante, ao reclamar de uma substituição. Dessa vez, o malandro aprendeu o que era brigar com um profissional do ramo. Por pressão de Renato, o desafeto foi dispensado. Djalminha saiu, sem chiar. "Aprendi desde cedo a assumir o que faço."

Depois do Flamengo, Djalminha foi para o Guarani. Teve também uma estada relâmpago de seis meses no Shimizu, do Japão, antes de reaparecer no Brinco de Ouro. A insolência de escolher sempre o drible mais humilhante, os passes de efeito estavam lá e logo chamaram a atenção do Palmeiras. Ganhou o título paulista de 1996 — "foi o time onde mais me diverti, dava gosto de jogar; a gente entrava para ganhar e para golear" — e driblou a implicância do técnico Vanderlei Luxemburgo.

O treinador, para os mais íntimos, chegou a chamar Djalminha certa vez de "craque-celular", aquele que não funciona quando você precisa dele, nos jogos decisivos. "É mentira. Eu falei com o Vanderlei sobre isso. Se ele me achasse um craque-celular, não me chamaria para a Seleção."

Mas Djalma, afinal: você some ou não em jogos importantes? "Eu aceito críticas, sim, desde que com base. Nos times em que joguei, só não fui campeão no Guarani, o que até aí não tem nada. Fui campeão no Flamengo, no Palmeiras... Mas ganhar um título espanhol com o Deportivo (como é conhecido o *La Coruña* na Espanha) não é para qualquer um. Além disso, nunca perdi para o Real Madrid e levo vantagem também no confronto com o Barcelona. Será que eu sumo?"

Nesta temporada, porém, ele vem ficando sistematicamente no banco no La Coruña. Só não soltou os cachorros de vez porque foi lembrado, em cima da hora, quando nem esperava mais, por Luiz Felipe Scolari.

E Djalminha diz desconfiar do motivo da lembrança. "A Seleção estava mostrando uma certa dificuldade no toque de bola, em impor o ritmo. Sei que sou um jogador desse estilo, mas não posso ser encarado como aquele que estava faltando. A solução não está em um só jogador. Eu não vou salvar a Seleção Brasileira."

Mesmo porque a história de Djalminha com a camisa amarela é das mais discretas. "Eu nunca tive uma seqüência." É a justificativa dele, na ponta da língua.

Ele ambiciona ter esse seqüência no Mundial; e como titular, não apenas como uma opção para a vaga de Rivaldo. "Já demonstramos *(ele e Rivaldo)* no Palmeiras que podemos jogar juntos", diz, de bate-pronto.

Depois da Copa, Djalma não sabe se irá permanecer em La Coruña, a despeito de ter mais três anos de contrato com o clube. Reserva, ele não quer ser, mas também voltar ao Brasil...

"Se ainda tiver condições físicas e técnicas ao final do meu contrato ou desses três anos, posso até jogar no Brasil de novo. Mas hoje, realmente, a situação do futebol brasileiro é triste. Aliás, não escondo de ninguém. Gosto mesmo é do futebol de antigamente, dos tempos do meu pai." O futebol do tempo em que malandro era rei, né, Djalma?

DJALMA FEITOSA DIAS (DJALMINHA)		
Posição: Meia		**NA SELEÇÃO: 14 jogos / 5 gols**
Nascido em: Santos (SP), em 9/2/70		**Por que ganhou a vaga:** Um dos últimos meias testados por Felipão. Como tem característica diferente dos demais (tem o futebol mais cadenciado e faz lançamentos), acabou levando vantagem sobre os concorrentes
Altura: 1,78 m	**Peso:** 69 kg	
Clubes: Flamengo (90-93), Guarani (93), Shimizu-JAP (94), Guarani (94-95), Palmeiras (96-97), Deportivo La Coruña-ESP (desde 97)		

A boa fase no Parma
e a velha convivência
com Felipão garantiram
Júnior no grupo

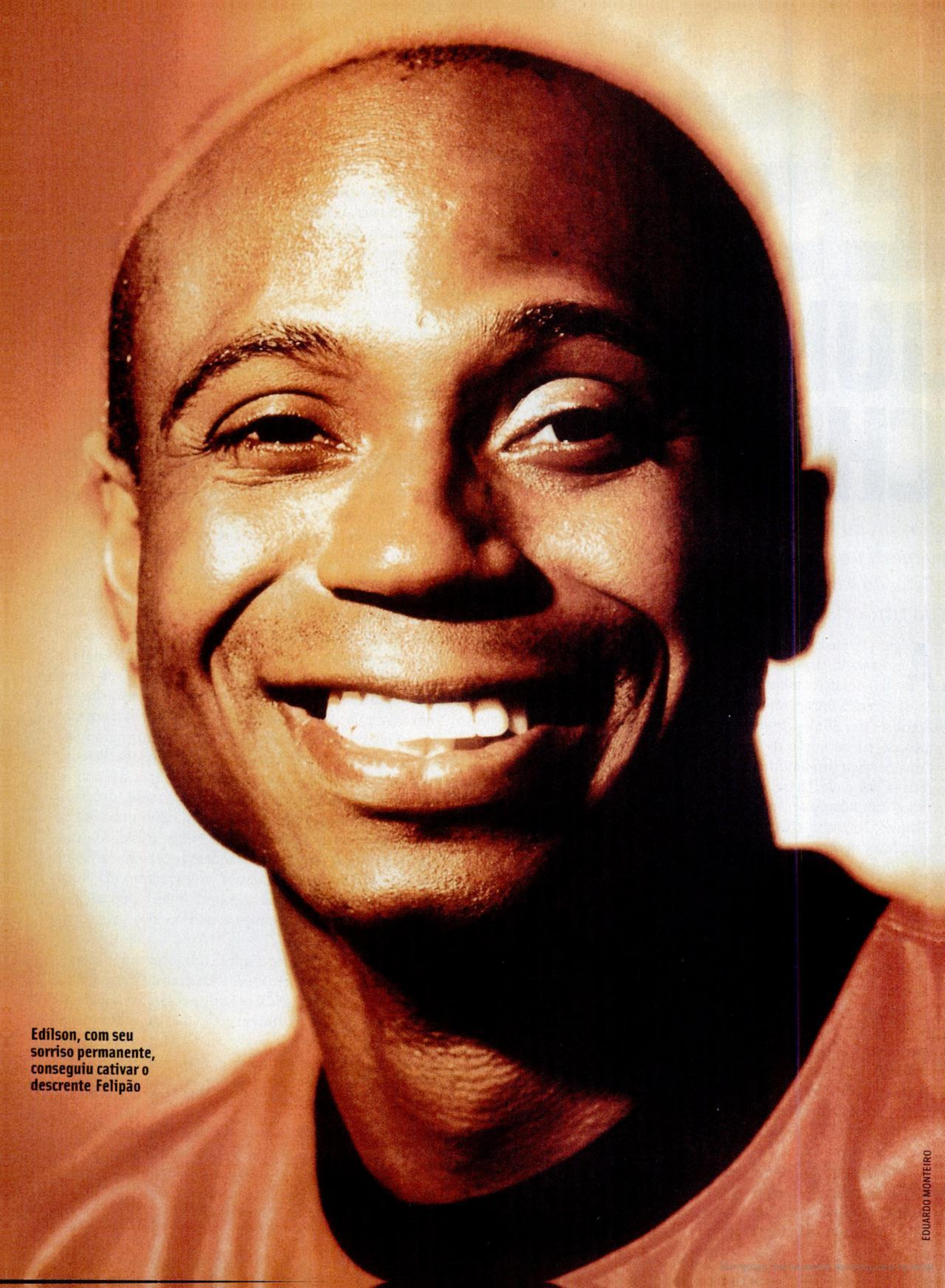
RICARDO CORRÊA

ESTE JUNINHO CHEGA LÁ

Júnior, ou Juninho como prefere Felipão, venceu uma das mais acirradas disputas da Seleção e ganhou o direito de ser o reserva do titularíssimo Roberto Carlos

Alguns torcedores ainda podem tê-lo na conta como um mascarado, mas ninguém ousa questionar — Romário, um velho desafeto, talvez seja a exceção — que a lateral esquerda da Seleção Brasileira é de Roberto Carlos e ninguém tasca. Como a safra de alas canhotos por aqui bate recordes de produtividade, na definição da lista de jogadores que vão à próxima Copa ocorreu um fenômeno interessante: a posição mais concorrida foi a de lateral-esquerdo reserva. Nas Eliminatórias, vários candidatos se apresentaram para a disputa. Athirson, Silvinho, Serginho e César tiveram suas oportunidades, mas a vaga ficou mesmo com Júnior.

É uma surpresa, mas nem tanto. Surpresa se lembrarmos que, após o mundial da França em 1998, mesmo já apresentando no Palmeiras um futebol eficiente no ataque e na defesa, ele jamais seria apontado como favorito nessa parada. Na corrida para esquentar o banco de Roberto Carlos em 2002 outros jogadores largavam na frente. Felipe era a badalada revelação do Vasco e Serginho comia a bola no São Paulo. Por outro lado, desde que o cargo de técnico da Seleção caiu no colo de Scolari, parecia claro que Júnior recuperaria o tempo perdido e ultrapassaria todos os adversários que pintassem no caminho. Felipão não é tão difícil de ser decifrado. Se há uma característica nele mais do que evidente é a lealdade aos seus fiéis subordinados. E Júnior sempre foi um deles.

Nos três anos em que conviveram no Palmeiras, Scolari sempre se referia ao lateral com um certo paternalismo, chamando-o de "Juninho". O próprio treinador revelou que chegou a conter seu estilo truculento nas preleções para não intimidar demais o jogador, de temperamento introvertido: "Eu estava sendo duro demais. Então, passei a dialogar. O meu relacionamento com ele melhorou 1 000% e isso valeu também para seu rendimento dentro de campo."

As afinidades com Felipão ajudaram Júnior a entrar no grupo da Copa, mas seria injusto dizer que essa foi a razão principal. Na Itália ele conquistou a posição de titular absoluto e vem fazendo uma boa temporada, apesar do seu time não andar lá essas coisas. O lateral já está conseguindo mostrar no Parma a mesma velocidade que impressionou o técnico argentino Carlos Bianchi nas finais da Copa Libertadores de 2000. "¿Viste el arranque de 70 metros que Júnior ha hecho nel minuto 90?", perguntou um Bianchi perplexo após o empate entre Boca Juniors e Palmeiras naquele ano.

Na Seleção o lateral conquistou espaço nas Eliminatórias muito antes de Scolari assumir. Foi titular de Luxemburgo, nos 5 x 0 sobre a Bolívia no Maracanã, e de Leão, no 1 x 0 diante da Colômbia no Morumbi. Nessa época, é bom lembrar, Romário ensaiava o breve retorno à Seleção, forçando os treinadores a barrarem Roberto Carlos. Indagado se ele mesmo se considerava melhor que o astro do Real Madrid, Júnior evitou a dividida com o futuro companheiro de amarelinha: "O que eu posso dizer é que estou muito bem. Não quero fazer nenhuma comparação. É a minha vez na Seleção e eu estou muito feliz por isso. Não vai colocar aí que eu falei que sou melhor que ele. Eu nunca disse isso (*risos*)."

Ao final da partida contra a Colômbia, porém, ele não teve muitos motivos para sorrir. Júnior não agradou e chegou a receber críticas de Leão. "Sem tempo para treinar, fica difícil", respondeu na época. O lateral do Parma pode até não ter correspondido ao que se esperava dele, mas seus concorrentes diretos também não foram muito além nas chances que tiveram na Seleção. Silvinho exibiu um futebol discreto contra a Venezuela (6 x 0, em Maracaibo) e o Equador (0 x 1, em Quito). Serginho decepcionou contra a Bolívia em La Paz (1 x 3) e o mesmo dá para dizer de César, ex-São Caetano, que começou jogando contra o Peru (1 x 1, em São Paulo). Felipe, que após a Copa da França pintava como um grande rival, caiu de produção, passou a jogar no meio-campo e não apareceu em nenhuma lista de convocados durante as Eliminatórias. Neste início de ano, Paulo César, por jogar tanto na ala esquerda como na direita, e Kléber, pela precisão nos cruzamentos, ameaçaram inflacionar ainda mais o mercado na lateral canhota, mas a pouca experiência de ambos na Seleção acabou sendo decisiva para eliminá-los da disputa.

Restaram, portanto, Roberto Carlos, o intocável, e Júnior, o homem de confiança do treinador. O lateral do Parma vai à Coréia após vencer uma corrida superdisputada. Pena para ele que, nesse caso, o lugar mais alto no pódio não passe de um desconfortável banco de reservas.

JENÍLSON ÂNGELO DE SOUZA		
Posição: Lateral-esquerdo		**NA SELEÇÃO: 12 jogos / nenhum gol**
Nascido em: Santo Antônio de Jesus (BA), em 20/6/73		**Por que ganhou a vaga:** Na base da confiança. Para a reserva de Roberto Carlos, Felipão tinha Serginho, Silvinho, César... Preferiu ficar com Júnior, com quem trabalhou no Palmeiras
Altura: 1,70 m	**Peso:** 63 kg	
Clubes: Vitória (92-95), Palmeiras (95-2000) e Parma-ITA (desde 2000)		

Edílson, com seu sorriso permanente, conseguiu cativar o descrente Felipão

EDUARDO MONTEIRO

UM CAPETA BONZINHO?

Edílson não faz o gênero Felipão mas conquistou a vaga como o veloz atacante que apavora os marcadores e como o sujeito alto-astral que anima as concentrações

Edílson será o "Embaixador" do futebol brasileiro na Ásia. Quando o técnico da Seleção Brasileira era Wanderley Luxemburgo, as embaixadinhas do então corintiano Edílson na final do Campeonato Paulista de 1999 custaram o seu corte da Seleção que foi campeã da Copa América, no Paraguai. Naquela noite, Luiz Felipe Scolari era o treinador do Palmeiras e apenas assistiu à briga generalizada desencadeada com o malabarismo do atacante. Os dois não se suportavam e bate-boca entre eles era uma constante. Agora, com Felipão no comando da Seleção Brasileira, Edílson não só é convocado regularmente como tornou-se titular absoluto até os últimos amistosos. Como explicar?

A primeira oportunidade de trabalharem juntos surgiu contra o Paraguai, um jogo determinante para a estabilidade de Felipão à frente da Seleção. Para essa partida, o treinador optou por mudar as características do ataque, já que a alta e forte defesa paraguaia dificilmente seria batida com cruzamentos pelo alto. Optou pela velocidade de Edílson, que classificou como "atacante liso".

Edílson passava por uma excelente fase no Flamengo. A idéia era deixar os brutamontes paraguaios desnorteados, mas não deu muito certo, pois o atacante não foi muito bem. Suas jogadas não saíram como Felipão imaginava, mas a vitória por 2 x 0 melhorou o ambiente para todos. Não por acaso, o técnico foi só elogios.

"Ele se mostrou amigo, receptivo, participativo. Tem voz ativa numa palestra, por exemplo. Eu não tinha trabalhado com ele, só brigado, nos tempos de Palmeiras e Corinthians." Entre todos os jogadores com que Felipão tem chamado, nenhum representa tão bem o povo brasileiro quanto Edílson. Sua habilidade na condução da bola está e relacionada ao que pode ser considerada a escola brasileira de futebol. Mas mereceria o título de "Embaixador" por muito mais do que isso.

"O Edílson está sempre alegre, sempre satisfeito, sempre tem uma brincadeira... E isso é bom num grupo", diz Felipão. É o típico boa praça, apesar de não ser nenhum. Está mais para malandro, como se nota nessa história contada por um de seus melhores amigos, o volante Vampeta. "Durante um jogo do Corinthians pela Libertadores de 1999, o Edílson resolveu xingar o Rincón, que ficou revoltado. Ele desceu para o vestiário soltando fumaça e queria quebrar o Edílson. Eu fui separar e, para piorar, ele ainda soltou: 'Pô, Rincón. Você só quer saber de bater em cara pequeno como eu. Quero ver bater no Vampeta'. Porra, ainda por cima tenta me ferrar! Eu falei logo que só estava separando, que não tinha nada a ver com a história." E ficou por isso mesmo.

Essa amizade entre os dois é uma marca que tem acompanhado a carreira de Edílson e, aparentemente, como todas as histórias o envolvendo, começou de uma forma inusitada. "Eu, o Edílson e o Paulo Isidoro *(meia que jogava no Palmeiras)* fomos comer um lanche e tivemos de interromper porque o guarda estava colocando uma multa no carro do Edílson. O Corinthians vinha de cinco derrotas e ele soltou para o policial: 'Já estamos f. mesmo, só falta me prender'. E não é que o cara prendeu mesmo!", conta Vampeta. Os dois passaram a noite na delegacia e foram para o treino do Corinthians. Acabaram afastados pelo técnico Wanderley Luxemburgo, que ficou furioso com a repercussão do caso.

A união se manteve dali para a frente e pôde ser constatada na partida contra o Paraguai, pelas Eliminatórias, quando Felipão juntou os dois na convocação. Apesar de não ter chamado Edílson na partida seguinte, contra a Argentina, Felipão voltou a contar com o Capetinha no jogo contra o Chile. E gostou do que viu. Edílson marcou o primeiro gol da vitória por 2 x 0. Depois disso, virou titular absoluto de Felipão, que confessou: "Quando o escalei contra a Venezuela, lhe disse: 'Tu tens me ajudado tanto que seria ingratidão iniciar o jogo com outro jogador, embora esse outro jogador *(Ronaldinho Gaúcho e Marcelinho Paraíba treinaram melhor que Edílson e Luizão)* tenha treinado muito bem. Te tirar na hora de comer o bolo. Até agora, só comemos rapadura. Agora, vamos comer o bolo."

EDÍLSON DA SILVA FERREIRA		
Posição: Atacante		**NA SELEÇÃO: 15 jogos /5 gols**
Nascido em: Salvador (BA), em 17/9/71		**Por que ganhou a vaga:** É veloz e tem uma habilidade incrível. Se adaptou ao comando que Felipão, que viu nele um bom componente de grupo, para a sua própria surpresa
Altura: 1,68	**Peso:** 60kg	
Clubes: Industrial-BA (1990), Tanabi (1991-92), Guarani (1992), Palmeiras (1993-96), Kashiwa Reysol-JAP (1996-97), Corinthians (1997-2000), Flamengo (2001), Cruzeiro (2002)		

Luizão comemora um dos gols contra a Venezuela: o atacante ficava mais perto da Copa

DÍVIDA PAGA

Felipão não é de dar calote. Por isso, quando fez os gols que puseram o Brasil na Copa, Luizão garantiu também uma passagem para a Coréia

No dia 8 de abril do ano passado, o Corinthians vencia a Portuguesa por 3 x 1 pelo Campeonato Paulista, quando, no meio do segundo tempo, Luizão, que ainda não havia pedido as contas no Parque São Jorge, dividiu uma bola com o meia Irênio e sentiu o joelho direito. Ele ainda tentou continuar em campo por alguns minutos, mas logo teve que pedir substituição. Dois dias depois, saiu o fatídico diagnóstico: ruptura do ligamento cruzado anterior e lesão num menisco lateral do joelho. De cara o atacante viu seus dois principais objetivos para a temporada 2001 desmoronarem: diante da séria lesão, a transferência quase certa para o Borussia Dortmund, da Alemanha, que iria lhe garantir um poupudo pé-de-meia, estava melada; os planos de se firmar no grupo da Seleção Brasileira que disputava as Eliminatórias também.

Quando enfrentou o problema no joelho direito que ameaçava deixá-lo no estaleiro por até nove meses, Luizão começava a conquistar espaço na Seleção do técnico Emerson Leão, que o convocara para o jogo contra o Equador, em Quito, em março de 2001. Decidido a lutar para ir à Copa, o atacante se dedicou ao máximo no período de recuperação e contou com uma boa evolução clínica pós-operação para voltar a jogar meses antes do esperado. "Não houve intercorrências, ou seja, inchaços e infecções, depois da cirurgia. Por isso, a partir do quarto mês, ele já estava liberado para retornar aos treinamentos", diz o doutor Joaquim Grava, médico do Corinthians, que operou o jogador e acompanhou toda recuperação.

Menos de seis meses após enfrentar a "faca", o atacante voltou a jogar. O drama da briga por um lugar na Seleção, porém, continuava. O técnico, por exemplo, já era outro. Será que Luiz Felipe Scolari confiaria no futebol dele como fizera Leão? Para complicar, o próprio Felipão assumiu o cargo com um discurso indicando que pretendia definir logo uma base de jogadores e pouco mexer nela. Como Luizão não apareceu nas cinco primeiras convocações do novo treinador, as chances de retornar ao grupo caiam ainda mais.

Entretanto, na lista de convocados para as duas últimas partidas das Eliminatórias, contra Bolívia e Venezuela, lá estava o nome do atacante. Decepcionado com Romário — que jogou mal na chance que teve contra o Uruguai e ainda teria aprontado fora de campo — e com França, considerado de comportamento muito tímido para a Seleção, Felipão apelara para o recém-recuperado Luizão na tentativa de suprir o posto vago de matador na sua equipe.

Depois de meses de fisioterapia e treinos solitários longe da bola, a dedicação do jogador havia sido recompensada. No esforço para voltar a jogar antes do prazo previsto pelos médicos, até a noiva Mariana, com quem se casou em agosto do ano passado, pagou o pato. Já na reta final da recuperação, o atacante convenceu a mulher a adiar qualquer plano romântico de viagem na lua-de-mel: "Não deu. Casamos no sábado e eu tive que treinar já na segunda-feira."

Mas a história entre Luizão e Seleção Brasileira ainda estava longe de um final feliz. Poucos dias antes de se apresentar para a partida contra a Bolívia, o jogador sofreu uma distensão muscular atuando pelo Corinthians. O país inteiro assistiu pela TV o choro de desespero do atacante ao sair de campo mancando e imaginando um corte da Seleção. Meio comovido, meio sem outras opções para testar, Felipão decidiu mantê-lo no grupo, apostando numa recuperação até o confronto com a Venezuela. Foi uma boa aposta: Luizão realmente se recuperou, fez dois dos três gols que garantiram a classificação do Brasil para a Copa e Scolari só faltou assinar e lhe entregar uma nota promissória de agradecimento pelo fim do sufoco.

Talvez acomodado por ter ganho tamanho crédito, Luizão quase pôs tudo a perder no início desta temporada. Voltou das férias em janeiro exageradamente fora de forma, brigou com a diretoria do Corinthians e ficou algumas semanas sem clube. Resultado: acabou barrado na primeira convocação do ano da Seleção. Mesmo deixado de lado temporariamente, em nenhum momento peitou ou cobrou de Scolari uma explicação por ter sido colocado na geladeira. Como um bom caipira — o jogador é o orgulho da pequena Rubinéia, a 600 km de São Paulo — preferiu não posar de credor e decidiu seguir à risca um conselho que há tempos recebeu de um velho treinador e amigo: "O bom cabrito não berra, aprendi com o Carlos Alberto Silva."

Foi só esperar a poeira abaixar, contar com o apoio da Justiça na briga com o Corinthians e acertar com o Grêmio para voltar a ser convocado e fazer gols pelo Brasil, como o que guardou contra a Iugoslávia. Hoje não há mais dúvidas de que Luizão vai chegar à Copa com seu típico sotaque do interior paulista, usando os "erres" carregados e, muitas vezes, substituindo os "eles". Felipão, fiel como sempre, pagou sua dívida.

LUIZ CARLOS GOULART		
Posição: Atacante		**NA SELEÇÃO: 10 jogos /4 gols**
Nascido em: Rubinéia (SP), em 14/11/1975		**Por que ganhou a vaga:** Por erros dos rivais e méritos próprios. Romário pisou na bola ao ser convocado para o jogo com o Uruguai e França decepcionou em campo. Já Luizão fez, contra a Venezuela, os gols que classificaram o Brasil para a Copa
Altura: 1,78 m	**Peso:** 76 kg	
Clubes: Guarani (92-95), Palmeiras (96-97), La Coruña-ESP (97), Vasco (98), Corinthians (99-2002) e Grêmio (desde 2002)		

Denilson já sabe que é útil à Seleção como reserva, mas quer mesmo a camisa 11

CLAUDIO GATTI

ELE MERECE UMA CAMISA?

Arma-secreta da Seleção, Denilson tem como hobby colecionar camisas do futebol, mas trocaria todas elas pela de titular do Brasil

"Denilson! Denilson!" Esse grito da torcida brasileira já ecoava na Copa do Mundo da França. Ganhou força na Copa América do ano passado, na Colômbia. E virou um canto uníssono, quase uma ordem, durante os últimos jogos do Brasil pelas Eliminatórias. Pela falta de talentos no futebol brasileiro ou não, Denilson tornou-se uma espécie de referência de futebol-arte no país.

"Denilson lembra os pontas dribladores de antigamente", afirma Zagallo, um de seus grandes fãs. A questão que perdura é: por que ele não consegue jogar a mesma coisa na Seleção quando é escalado desde o início?

A despeito desse mistério, Denilson, 24 anos, 63 convocações, 52 jogos pela Seleção e oito gols, vive o melhor momento da sua carreira, desde que deixou o São Paulo às vésperas da Copa de 1998. Na época, tornou-se o jogador mais caro do mundo ao sair para o Betis, da Espanha, por cerca de 30 milhões de dólares — ele que tinha a mania de roubar picolés e lapiseiras em Diadema quando moleque e sentia inveja dos tênis novos nos pés dos colegas.

Embora ainda não tenha justificado plenamente tal investimento, ele já voltou a ser ídolo, tanto lá como cá, com seus malabarismos. Ajudou o Betis a voltar à primeira divisão espanhola. "É bom começar a receber elogios depois de tanta paulada, mas sei que esse negócio só dura até quando eu estiver jogando bem."

CRAQUE DE SEGUNDO TEMPO?

"Eu já joguei várias partidas como titular e joguei bem. No momento complicado pelo qual a Seleção vinha passando, fui útil no segundo tempo. Para que mudar? Depois, não quero causar nenhum problema ao treinador. Se o Felipão resolver me colocar desde o começo do jogo, vou tentar fazer as mesmas coisas que eu faço quando entro no segundo tempo.

Eu me considero titular da Seleção Brasileira porque ela não é igual a um clube. São 22 jogadores convocados entre milhares de atletas que sonham em fazer parte desse grupo. Como estou nele, tenho que me considerar titular, independentemente de jogar ou não."

O EX-MAIS CARO DO MUNDO

"Ser o jogador mais caro do mundo é complicado. Se a gente erra um passe, cai o mundo. Um jogador comum não tem esse drama, não passa por isso. No início, quando fui comprado pelo Betis, a torcida pegava muito no meu pé. Graças a Deus essa cifra *(cerca de 30 milhões de dólares)* foi superada por outros jogadores. Hoje, as pessoas já me enxergam como um jogador normal. Eu posso jogar mais tranqüilo e meu futebol está rendendo muito mais.

Estou muito contente no Betis. Meu time está dando todo apoio de que necessito e acho que estou correspondendo neste ano. Quero retribuir o carinho que tiveram por mim quando eu estava passando dificuldades. O clube e a torcida ficaram do meu lado e meu pagamento é estar na Seleção. Assim, levo o nome do Betis para o mundo inteiro."

"Os jogadores do Betis tinham muito ciúme dele por causa do salário", diz o jornalista Daniel Pinilla, da sucursal sevilhana do jornal Marca. "E, para piorar, Denilson aparecia o tempo todo, muito mais do que os outros."

Hoje ele reina em Sevilla, tanto arrumou um namoro com um dos maiores partidos da cidade, Vicky Martín Berrocal, filha de um milionário espanhol e ex-mulher do famoso toureiro Manuel Díaz, "El Cordobés".

A RESSURREIÇÃO

Para a imprensa espanhola, Denilson recuperou sua imagem no Betis porque mudou sua postura dentro e fora de campo; passou a treinar mais, a sair menos à noite, a freqüentar uma igreja evangélica e a ser mais solidário nas partidas.

"Nunca fui de estar na noite todos os dias. É lógico que saio, aproveito, até porque sou jovem e os jovens gostam de se divertir. Tenho 24 anos, tenho que curtir a vida em algum momento. Se não fizer agora, farei quando? Podem falar que viram o Denilson na festa tal mas nunca que estava caindo de bêbado ou fumando. Eu só danço e me divirto e não vou deixar de produzir porque saí à noite. Mas sei o momento em que posso sair e o quanto tenho que me dedicar ao trabalho. Hoje valorizo mais a profissão."

O MENOS INDIVIDUALISTA

"Eu até driblo bastante, fico doidinho quando o juiz não apita falta em cima de mim. É de enlouquecer. Mas hoje venho assimilando melhor o futebol de lá *(Espanha)*. Consigo fazer muitas assistências. Nunca fui um jogador de marcar muitos gols, e isso faz com que eu trabalhe mais esse lado de passes. Está dando certo; os meus companheiros de time estão bastante contentes com isso."

Denilson tem razão. Sua média de gols por partida, contando São Paulo, Betis, Flamengo e Seleção é de um a cada sete partidas, irrisória para um meia-atacante.

"Sempre fui um jogador de ataque, nunca de criatividade. Sempre joguei mais enfiado, para tentar as jogadas perto da área. Sempre joguei dessa maneira, no São Paulo, no Betis, na Seleção. Meu negócio é partir com a bola dominada e azucrinar a vida dos adversários até entrar na área, para servir um companheiro ou tentar o gol."

DENILSON DE OLIVEIRA		
Posição: Atacante		**NA SELEÇÃO: 52 jogos / 8 gols**
Nascido em: São Bernardo do Campo (SP), em 24/8/77		**Por que ganhou a vaga:** Fez uma boa Copa América sob o comando de Felipão e voltou a jogar bem no Betis. Considerado opção para o segundo tempo por segurar bem a bola e criar jogadas pela ponta
Altura: 1,78 m	**Peso:** 62 kg	
Clubes: São Paulo (94-98), Betis-ESP (98-2000 e desde 2001), Flamengo (2000)		

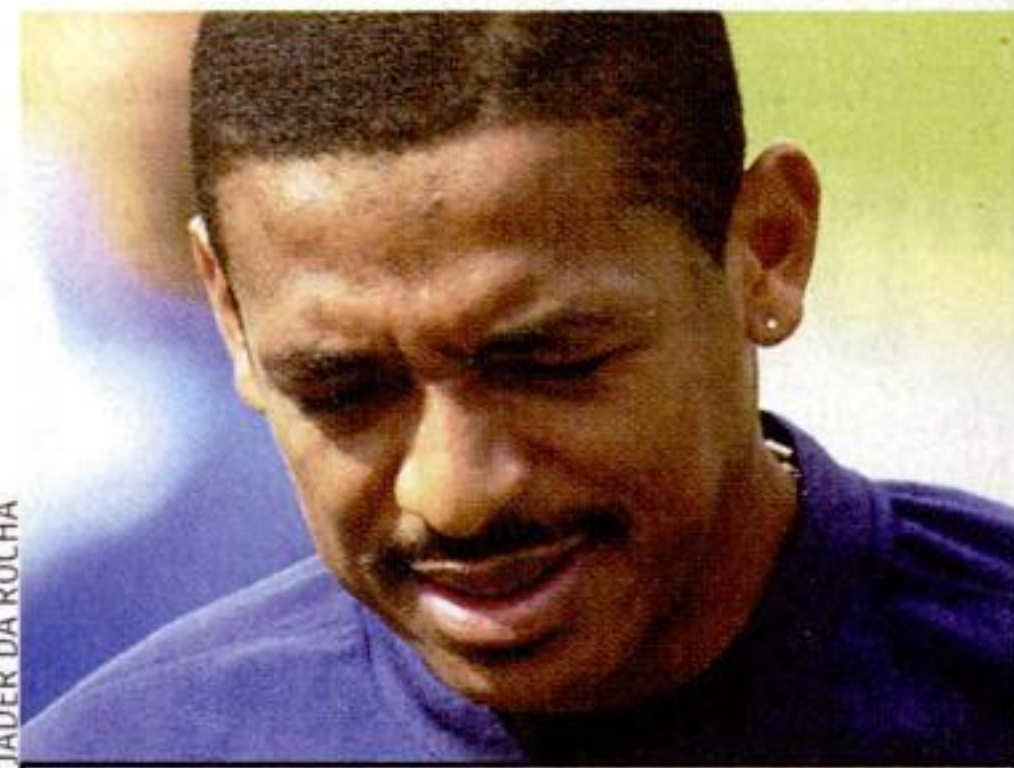
OS AZARÕES DE SCOLARI

Tudo leva a crer que o grupo da Copa está fechado. Mas sete jogadores ainda correm por fora, tentando convencer Felipão a mudar de idéia

Quando assumiu a Seleção, no meio do ano passado, Luiz Felipe Scolari avisou de cara: "Quero ter um grupo definido, que não mude muito." O técnico não conseguiu cumprir o prometido e, nas nove primeiras convocações, chamou 58 jogadores, número quase suficiente para formar três grupos diferentes para levar à Copa.

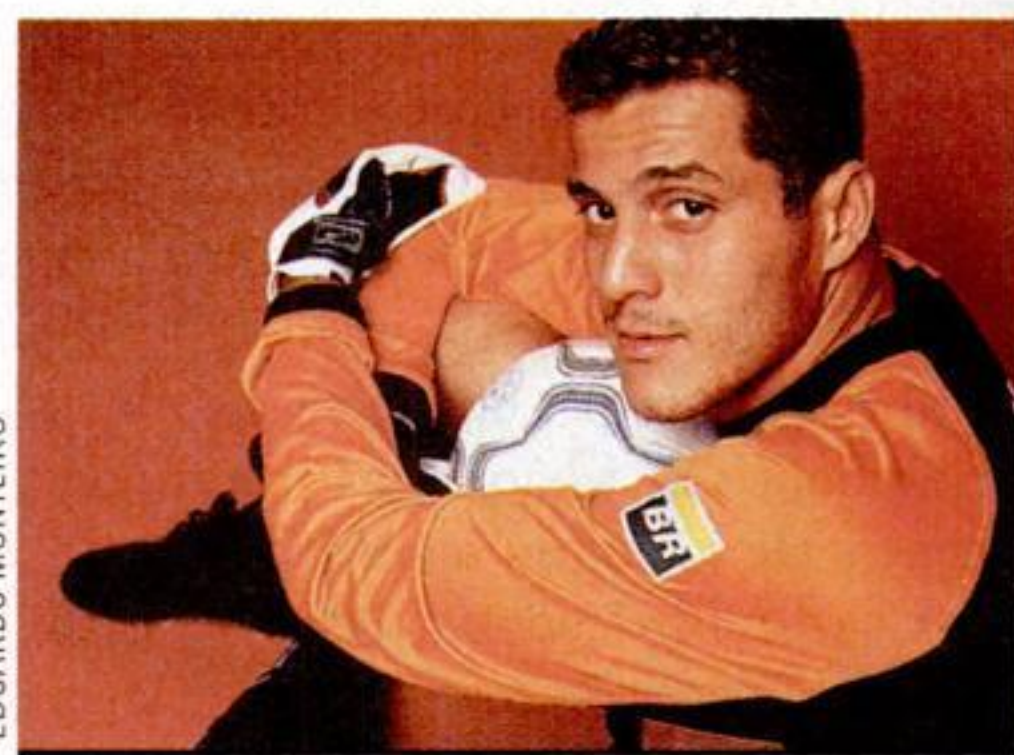
A esta altura do campeonato, após muito peneirar, Felipão dá sinais de ter finalmente fechado a lista e de que nenhum outro jogador passará mais pelo seu funil. Porém, como o treinador já mudou de idéia uma vez, não custa nada ficar de olho em alguns azarões que ainda podem ser considerados dentro do páreo para o próximo mundial. Aqui estão sete deles. Você apostaria numa surpresa?

JADER DA ROCHA

Cris - Só Felipão gostava do futebol tosco do zagueiro. Depois que Polga surgiu, até o técnico o deixou para trás. Só vai à Copa se Juan afundar mais com o Flamengo

JADER DA ROCHA

Vampeta - Com Luxa virou titular da Seleção. Com Leão jogava só com o nome. Com Scolari perdeu a mordomia. Sua chance é Gilberto Silva vacilar muito

ALEXANDRE BATTIBUGLI

César Sampaio - Se Gilberto Silva e Kléberson demonstrarem insegurança nos últimos amistosos, essa será a senha para o veterano Sampaio ser lembrado

EDUARDO MONTEIRO

Júlio César - Até o início deste ano era o favorito para ser o terceiro goleiro na Copa, mas perdeu espaço para Rogério Ceni, que está em melhor fase

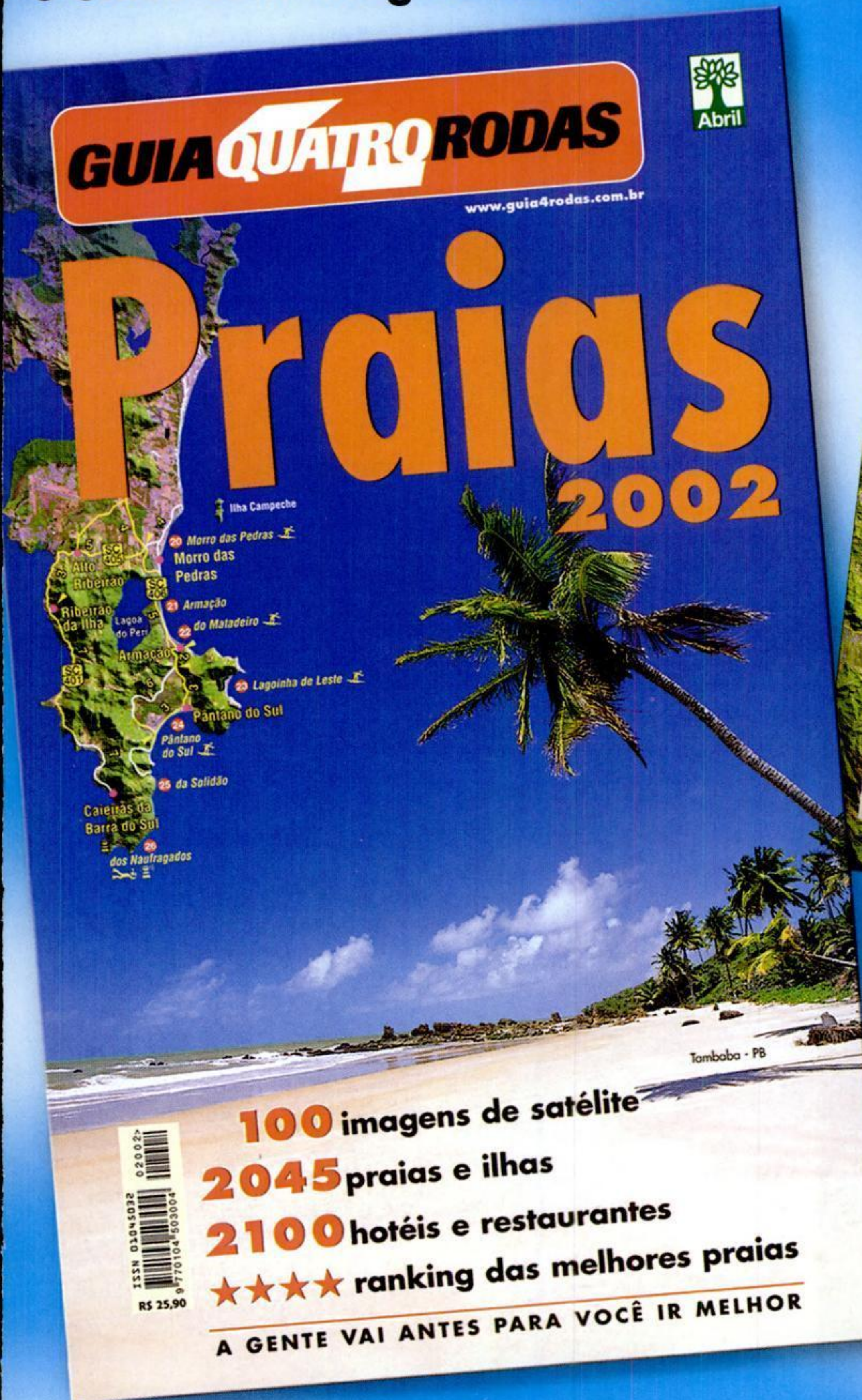
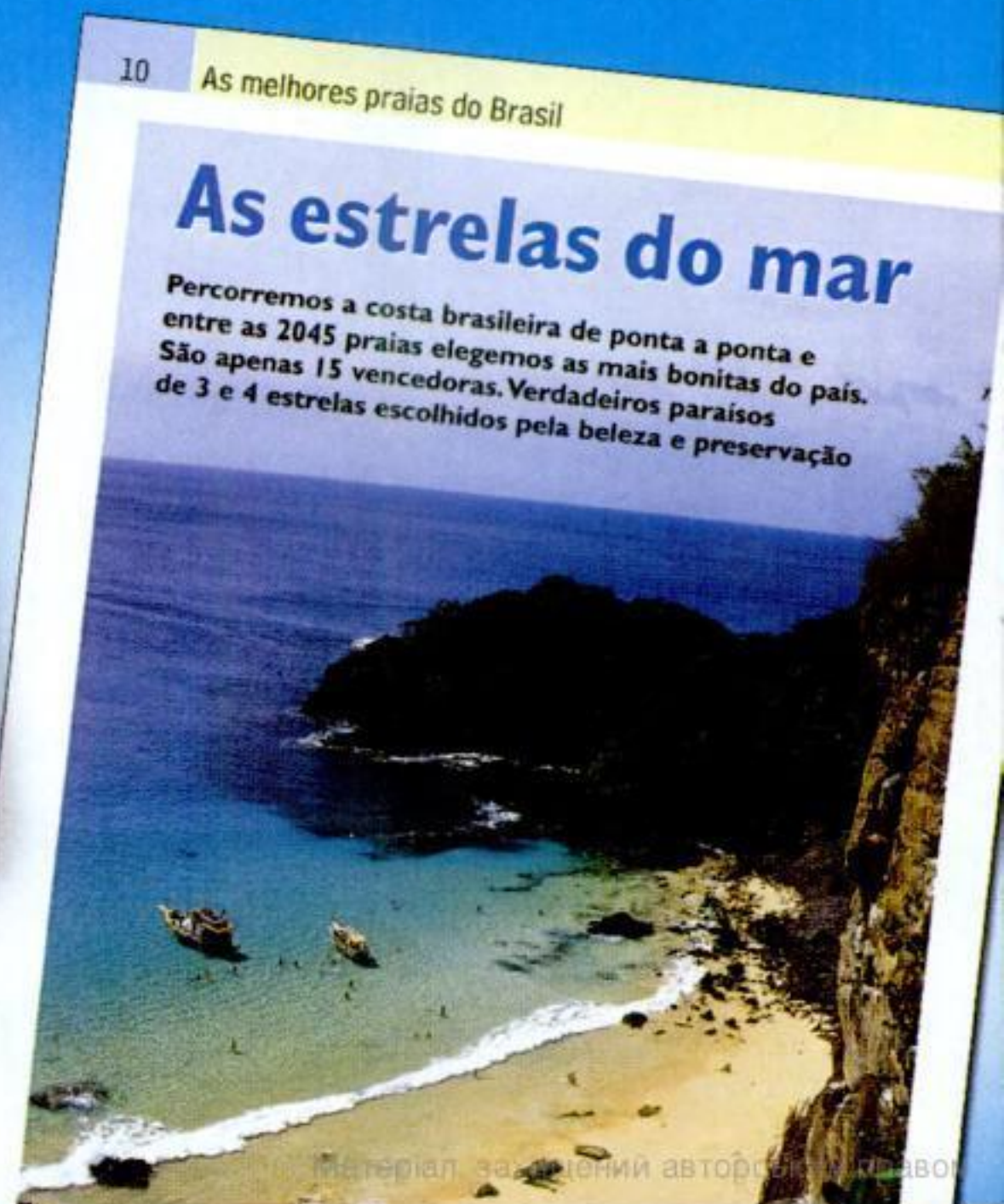
ALEXANDRE BATTIBUGLI

Washington - Com Ronaldo ainda em recuperação, Scolari pode levar cinco atacantes. Aí crescem as chances de Washington, que seria uma alternativa para as bolas altas. Jardel, que tem estilo parecido, falou muito e se queimou

RICARDO CORRÊA

Alex - Teve todas as chances do mundo e não aproveitou. Segue com a fama de craque que se esconde em campo. Continua no páreo porque Felipão o admira

EDUARDO MONTEIRO

Paulo César - Como joga tanto na lateral esquerda como na direita, poderia substituir Belletti e Júnior, liberando mais uma vaga para o ataque

IMPERDÍVEL!

COMPRE AGORA E GUARDE PARA A VIDA INTEIRA

ESPECIAL PLACAR

WWW.PLACAR.COM.BR

PLACAR NAS COPAS

As reportagens originais da revista nos Mundiais

DE PELÉ A ROMÁRIO, A EMOCIONANTE HISTÓRIA DAS COPAS CONTADA ATRAVÉS DOS TEXTOS E FOTOS DOS 48 JOGOS DO BRASIL DESDE 1970

Ed.1217 · ABRIL 2002 · R$ 4,50

7 893614 011417

Abril

A Copa do Mundo de 2002 já começou. Além de **PLACAR nas Copas**, vem aí o **Guia da Copa** e a revista **50 Times do Brasil**.
Mas não pense que acabou. Durante a Copa do Mundo, **PLACAR** publicará edições especiais logo após os jogos do Brasil.

Corra já para a banca e reserve o seu.